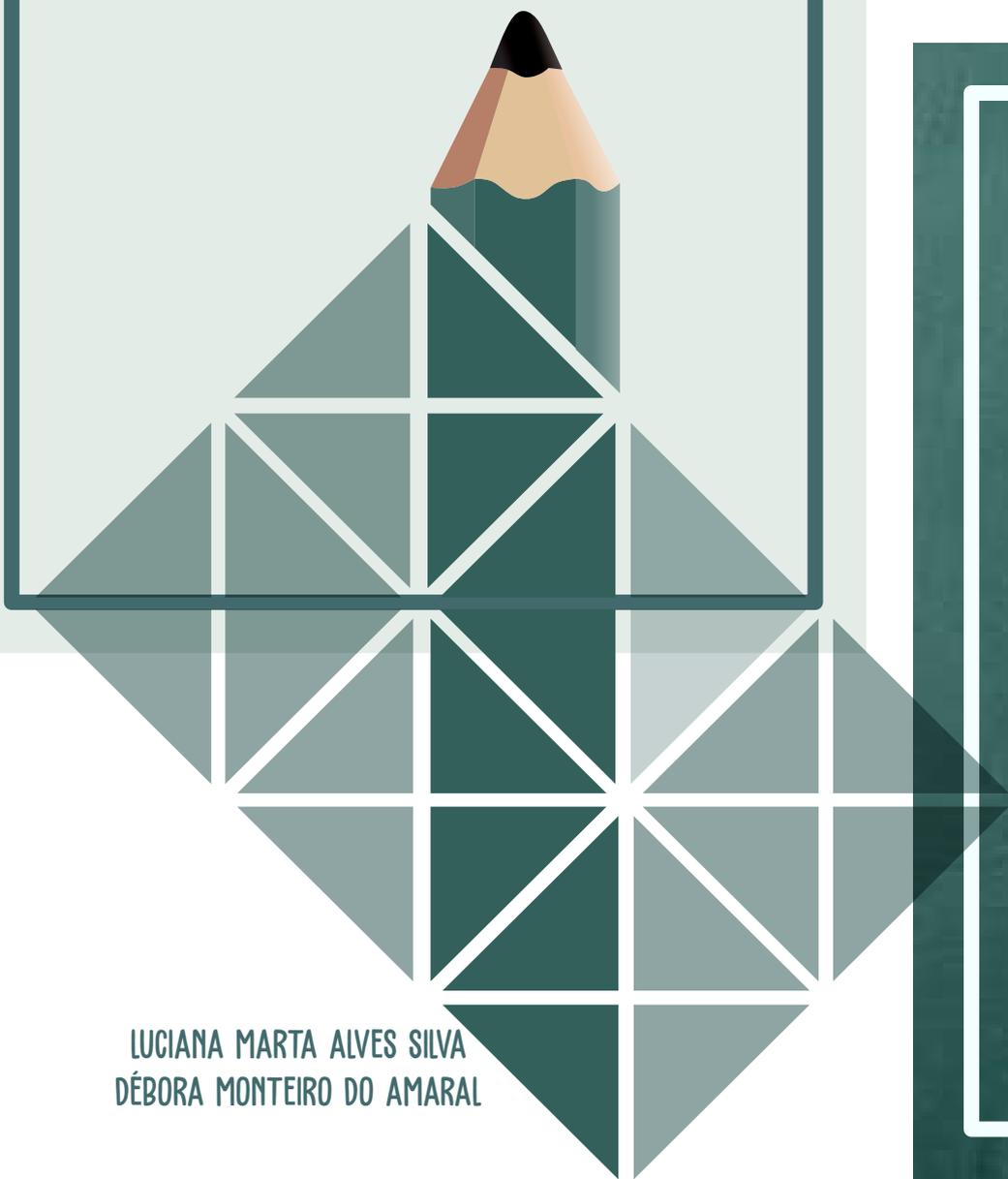


PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS): SABERES COMPARTILHADOS EM SALAS MULTISSERIADAS DO CAMPO



LUCIANA MARTA ALVES SILVA
DÉBORA MONTEIRO DO AMARAL

*Caderno
pedagógico*

Caderno pedagógico

PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS): SABERES COMPARTILHADOS EM SALAS MULTISSERIADAS DO CAMPO



LUCIANA MARTA ALVES SILVA
DÉBORA MONTEIRO DO AMARAL

1ª Edição
Vitória
2025

UFES

educação

Programa de Pós-Graduação
Profissional em Educação - UFES

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S586c Silva, Luciana Marta Alves, 1974-

Caderno pedagógico proposta de formação de professores(a): saberes compartilhados em salas multisseriadas do campo / Luciana Marta Alves Silva. - 2025.

86 p. : il.

Orientadora: Débora Monteiro do Amaral.

Produto Técnico-Tecnológico (Desenvolvimento de Material didático e instrucional) (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Formação Continuada. 2. Práticas Pedagógicas. 3. Educação do Campo. 4. Salas Multisseriadas. I. Amaral, Débora Monteiro do. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – PPGPE**
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras - Vitória - ES
CEP: 29075-073

COMISSÃO CIENTÍFICA

Andréia Weiss
Sóler Gonzalez
Charles Moreto
Maricleide Pereira de Lima Mendes

DIAGRAMAÇÃO/ILUSTRAÇÃO

Aline Antonio

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

PPGPE / UFES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES

EUSTÁQUIO VINÍCIUS DE CASTRO
Reitor

SONIA LOPES VICTOR
Vice-Reitora

VALDEMAR LACERDA JÚNIOR
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

REGINALDO CÉLIO SOBRINHO
Diretor do Centro de Educação

SILVANA VENTORIM
Vice-Diretor do Centro de Educação

RENATA DUARTE SIMÕES
*Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação Profissional de
Educação - PPGPE*

CLEYDE RODRIGUES AMORIM
*Coordenadora Adjunta do Programa de
Pós-Graduação Profissional de
Educação - PPGPE*



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Autoria: Luciana Marta Alves Silva e Débora Monteiro do Amaral

Nível de Ensino a que se destina o produto: Educação Básica

Área de Conhecimento: Educação

Público-alvo: Professores/as da Educação Básica (Educação do Campo - Salas Multisseriadas (1º ao 5º ano))

Categoria deste produto: Formação continuada de docentes

Finalidade: Promover encontros formativos para as/os professoras/es da Educação do Campo das salas multisseriadas, visando ao fortalecimento da compreensão das concepções da Educação do Campo, da elaboração de currículos

contextualizados à realidade local, fomentando a reflexão, o debate e a ação coletiva, o fortalecimento de práticas pedagógicas críticas com a prática docente das/os professoras/es da Educação Básica que lecionam em Escolas Multisseriadas do Campo.

Organização do Produto: Proposta com orientações didáticas, pedagógicas e metodológicas para a organização de encontros formativos para professoras/es da Educação Básica de Escolas da Educação do Campo - salas multisseriadas, numa abordagem crítica e humanizadora.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Digital e/ou impresso.

URL: Página do PPGPE: www.educacao.ufes.br

Processo de Validação: Validado na banca de defesa da dissertação.

Processo de Aplicação: Aplicado no Seminário de Pesquisa do PPGPE e no grupo de pesquisa ao qual estão vinculadas as autoras do produto educacional.

Impacto: Alto. Produto elaborado a partir das necessidades das professoras da Educação Básica do Campo das salas multisseriadas e tem como objetivo contribuir na sistematização das práticas pedagógicas críticas.

Inovação: Alto teor inovativo. O produto apresenta dados que ainda não tinham sido catalogados em nenhum outro material pedagógico dos sistemas de ensino locais.

Origem do Produto: Trabalho de dissertação intitulado Práticas pedagógicas em salas multisseriadas de escolas do campo no município de Vargem Alta/ ES: desafios e possibilidades, desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo.

AUTORAS



LUCIANA MARTA ALVES SILVA

Luciana Marta Alves Silva possui licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia “Madre Gertrudes de São José”. É professora estatutária da Rede Municipal de Cachoeiro de Itapemirim/ES, atuando há 20 anos na Educação Infantil com crianças de 4 e 5 anos e Pedagoga estatutária da Rede Municipal de Ensino de Vargem Alta/ES há 17 anos, atuando com a formação continuada de professores no Ensino Fundamental. Possui especialização em diversas áreas da Educação, como: Orientação Educacional, Inspeção Escolar, Educação do Campo, Coordenação Pedagógica, Direitos Humanos e Filosofia e Psicanálise. Atualmente, mestranda da Universidade Federal do Espírito Santo no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, na linha de pesquisa “Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar”.



Luciana Marta

DÉBORA MONTEIRO DO AMARAL

Débora Monteiro do Amaral possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos. É Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, na linha de pesquisa "Práticas Sociais e Processos Educativos". Pesquisadora na área de Educação Popular na perspectiva de Paulo Freire, Educação do Campo e Movimentos Sociais do Campo. Atualmente, é docente na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), atuando no curso de Licenciatura em Educação do Campo. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo do Espírito Santo (Gepeces) e é uma das coordenadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF - Ufes). Atua como docente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Ufes. Membro no Comitê Estadual de Educação do Campo do Espírito Santo (Comeces). Membro do Grupo de Trabalho de Política Agrária, Urbana e Ambiental (GT Paua) na Associação de Docentes da Ufes (Adufes).



Débora Monteiro



“Mais do que em todas as épocas anteriores, nesta época de nosso tempo, pensada como a *era do conhecimento* ou a *era da consciência*, o lugar da educação é tão nuclear e crucial quanto o da ciência. Mais do que nunca, seremos o que fizermos conosco e entre nós, por meio da educação que nos forma... Ou conforma.

Assim, podemos pensar que a razão de ser da educação não é apenas o ato de capacitar instrumentalmente produtores humanos, por meio da transferência de conhecimentos consagrados e em nome de habilidades aproveitáveis. Antes disso, e muito além disso, ela é o gesto de formar pessoas na inteireza de seu ser e de sua vocação de criarem-se a si mesmas e partilharem com os outros a construção livre e responsável de seu próprio mundo social da vida cotidiana” (Brandão, 2003, p. 20-21).

AGRADECIMENTOS

ÀS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DAS SALAS MULTISSERIADAS DE VARGEM ALTA/ES

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as professoras que participaram desta pesquisa. Cada uma de vocês desempenha um papel fundamental na Educação do Campo nas salas multisseriadas, onde o trabalho cotidiano é repleto de desafios, mas também de conquistas significativas.

A dedicação e o comprometimento de vocês com a educação nas comunidades camponesas são verdadeiramente inspiradores. A abertura e a disponibilidade com que me receberam em suas escolas, permitindo-me acompanhar de perto o dia a dia de suas práticas pedagógicas, foram essenciais para o desenvolvimento deste caderno pedagógico. Foi um privilégio poder compartilhar esses momentos e aprender com cada uma de vocês.

A participação ativa de vocês nas entrevistas semiestruturadas, a generosidade ao compartilhar suas experiências e o empenho em contribuir com atividades e relatos foram elementos cruciais para o sucesso deste trabalho. A contribuição de cada uma de vocês enriqueceu imensamente este caderno, não só fornecendo dados valiosos, mas também oferecendo uma visão profunda e autêntica do que significa educar no campo.

Espero que os estudos propostos neste caderno possam, de alguma forma, retornar a vocês em forma de reconhecimento e valorização do trabalho que realizam; que as reflexões e as práticas aqui documentadas possam servir como instrumentos de fortalecimento da Educação do Campo, refletindo as necessidades e as realidades das comunidades onde atuam.

Saibam que sou profundamente grata por todo apoio e colaboração que recebi. O trabalho de vocês é essencial para a construção de uma Educação do Campo que respeite e valorize a cultura local, formando cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Mais uma vez, muito obrigada por tudo!

Luciana Marta Alves Silva
Mestranda em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

SUMÁRIO

- 10 APRESENTAÇÃO
- 12 HISTÓRIAS DE VIDA E PRÁTICA DOCENTE
- 13 NARRATIVA DE UMA PROFESSORA EGRESSA DAS SALAS MULTISSERIADAS: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES
- 17 A JORNADA NAS FORMAÇÕES CONTINUADAS: CONSTRUINDO O SABER DOCENTE
- 19 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE ENCONTROS FORMATIVOS
- 23 EIXOS PARA A PROPOSTA DE ENCONTROS FORMATIVOS
- 35 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM VARGEM ALTA/ES
- 38 REFERÊNCIAS
- 40 ANEXO A - ENCONTRO DE PROFESSORAS DAS ESCOLAS DO CAMPO DAS SALAS MULTISSERIADAS - COMPARTILHANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CRÍTICAS
- 43 ANEXO B - RELATOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADORAS

APRESENTAÇÃO

Este caderno de práticas pedagógicas críticas é fruto da colaboração entre as professoras das escolas do campo de Vargem Alta/ES que, com generosidade e dedicação, compartilharam suas experiências e saberes ao longo deste processo de pesquisa. Agradeço profundamente a cada uma que, por meio de relatos, atividades e entrevistas semiestruturadas, permitiu o aprofundamento do nosso entendimento sobre o trabalho pedagógico nas salas multisseriadas.

As atividades e os relatos de experiências aqui apresentados refletem a riqueza do cotidiano escolar nas escolas do campo, evidenciando a complexidade e a singularidade das práticas educativas desenvolvidas. Este caderno pedagógico se refere ao produto educacional fruto da dissertação de mestrado intitulada “Práticas pedagógicas em salas multisseriadas do campo no município de Vargem Alta/ES: desafios e possibilidades” e tem como propósito não apenas documentar essas práticas, mas também fortalecer e dar visibilidade ao trabalho incansável que as professoras realizam com seus estudantes, mostrando como a Educação do Campo pode ser transformadora e alinhada às realidades locais.

O caderno está organizado, na sua primeira parte, com orientações para a realização de encontros formativos para aprofundamento e discussões acerca da concepção de Educação do Campo.

Os encontros foram organizados por eixos sistematizadores, com temas relevantes, que foram identificados como necessidade pelas professoras no decorrer da pesquisa, para melhor conhecimento e aprofundamento.

A partir dos eixos sistematizadores, foram selecionadas leis, resoluções, diretrizes e textos com diversos autores que versam sobre a concepção da Educação do Campo e trazem reflexões sobre a prática pedagógica crítica, para, assim, juntos, nos encontros, refletirmos e redirecionarmos a prática no cotidiano.

Outro aspecto muito relevante do caderno é oferecer às professoras o momento de compartilhar os saberes, não sendo um encontro de repasse, mas um momento de diálogo em que todos somos responsáveis pelo processo formativo.

A segunda parte do caderno, os anexos, é fruto da realização do encontro com as professoras participantes da pesquisa, para o relato das práticas que consideram como críticas e que foram desenvolvidas por elas. Cada atividade é acompanhada de um relato de experiência que detalha o contexto, os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas para alcançar os objetivos educacionais. Essas práticas pedagógicas serão utilizadas como base para encontros formativos, em que serão realizados: leitura, debates, reflexões e diálogos sobre textos teóricos que irão fortalecer e aprofundar a compreensão sobre a Educação do Campo e suas potencialidades.

As formações continuadas, baseadas nas atividades e discussões apresentadas neste caderno, visam promover uma reflexão crítica sobre as concepções de Educação do Campo. Esses encontros formativos buscarão ampliar a compreensão sobre como as políticas educacionais podem ser implementadas, de maneira a respeitar e fortalecer a cultura local. Acreditamos que, por meio de uma formação continuada crítica e reflexiva, é possível consolidar práticas pedagógicas que façam jus às demandas das comunidades camponesas, garantindo um ensino que dialogue com as realidades vividas pelos estudantes e suas famílias.

No contexto da Educação do Campo, é essencial que o currículo seja construído com a participação ativa dos sujeitos do campo, como apontam Roseli Caldart (2000) e Salomão Mufarrej Hage (2004, p. 88), ao destacarem a importância de uma educação que valorize a cultura local e se conecte com as vivências das comunidades. Este caderno, portanto, configura-se como um instrumento para o desenvolvimento de atividades formativas, em que serão promovidas leituras, discussões e reflexões sobre as concepções da Educação do Campo.

Esperamos que este material inspire outras professoras e professores a refletirem sobre suas práticas e a se engajarem na construção de uma Educação do Campo que seja verdadeiramente inclusiva, crítica e transformadora. Esperamos que as políticas de Educação do Campo possam, assim, ser efetivamente implantadas, com um currículo que reflita as especificidades e a riqueza cultural das comunidades rurais.

Por fim, este caderno não é apenas um registro das práticas pedagógicas realizadas, mas um convite à reflexão e à ação. Esperamos que este trabalho seja um ponto de partida para novas iniciativas, inspirando outras professoras e professores a se engajarem na luta por uma Educação do Campo que seja verdadeiramente transformadora e alinhada às necessidades e às potencialidades das comunidades camponesas.

Luciana Marta Alves Silva

Mestranda em Educação

Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

HISTÓRIAS DE VIDA E PRÁTICA DOCENTE



NARRATIVA DE UMA PROFESSORA EGRESSA DAS SALAS MULTISSERIADAS: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES

EU E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Nas páginas de um livro,
Há magia, poesia, sonhos,
Há um mundo de possibilidades,
Que transformam realidades.

Nas páginas de um livro,
O diferente é tratado como gente,
É possível dar voz à alma solitária,
Transformar o indiferente,
Tornar o mundo consciente.

Que as dores do mundo,

a minha, a sua, e a de todos nós,
na diversidade da vida,
ensine o semelhante,
e não exclua o diferente.

Nas páginas de um livro,
Encontro fraternidade,
Os personagens invisíveis,
Têm uma identidade,
E toda sociedade tem oportunidade,
De ser gente, gente de verdade.

Prof^ª. Delizete Kelis



Fonte: arquivos pessoais da pesquisadora.



Fonte: arquivos pessoais da pesquisadora.

Atuei numa sala multisseriada por 20 anos, onde me descobri e me realizei como profissional, pois nessa escola consegui fazer uma parceria mútua entre família e escola. Essa parceria é um dos pilares essenciais que possibilitaram pequenas evoluções da escola, as quais foram sendo percebidas ao longo do tempo em que lecionei nesse espaço.

A professora Marlúcia Brandão diz que trabalhar na construção de uma relação positiva com a comunidade do entorno da escola é muito importante para o desenvolvimento da instituição e dos próprios alunos. Mas isso só é possível quando escola e comunidade coexistem em um processo de harmonia e respeito, em que as duas se encontram de peito aberto para construírem juntas.

Nesse movimento, uma passa a ser apoio da outra, resultando numa escola forte, onde os problemas ultrapassam seus muros e as soluções das adversidades são encontradas com engajamentos de todos, que passam a pensar em ações conjuntas que beneficiam o desenvolvimento integral dos alunos, oferecendo uma educação que faça sentido, considerando sua trajetória.

Segundo Miguel Arroyo Gonzalez, como educadores, temos que ter a sensibilidade para uma dinâmica social, educativa e cultural e nos perguntarmos que novos sujeitos estão se constituindo, sendo formados; que crianças, jovens e adultos, que mulheres, que professores, que lideranças, que relações sociais de trabalho, de propriedade, que valores estão sendo aprendidos nesse movimento e dinâmica social do campo? O foco do nosso olhar não pode ser somente a escola, o programa, o currículo, a metodologia, a titulação de professores. Como educadores, temos que olhar e entender como, nesse movimento social, vem se formando, educando um novo homem, uma nova mulher, criança, jovem e adulto.

Quando penso em minha formação, muitos caminhos se encontram e é por eles que eu trilho e vejo que algumas memórias tomaram outras proporções e me transformaram à medida que eu aprofundava os meus conhecimentos e exercitava minhas teorias na prática. Percebo que nada acontece por acaso, que cada esforço, cada atitude, cada busca me tornou uma profissional comprometida com meu fazer e com meus ideais.

Durante 26 anos, busquei construir uma escola que estimula o desenvolvimento integral, que respeita a individualidade, valoriza as potencialidades dos estudantes, possibilitando que eles vejam além, reinventando o que está pronto e descobrindo novos caminhos para o futuro.

Procurei orientá-los na busca da sua missão de vida em um mundo que

está pedindo por pessoas ativas, capazes de inventar e de empreender; pessoas com um olhar sensível para a humanidade, capazes de criar soluções surpreendentes para os desafios atuais e os que estão por vir.

Sendo assim, é de extrema importância fortalecer a Educação do Campo, e uma das principais estratégias é a formação de professores, seguida de melhorias na infraestrutura, alimentação, recursos de materiais didáticos e propostas políticas pedagógicas que dialoguem com a realidade e o contexto da escola local.

A relação entre escola e comunidade é um importante fator de desenvolvimento social, não só para a localidade em que a instituição se encontra, mas também para os alunos, professores, equipe e demais colaboradores.

Laís Alcântara Rios Lima afirma que os movimentos sociais do campo têm como uma das suas finalidades tornar o campo um local possível para se viver com dignidade e diminuir a migração dos jovens para as cidades. Para isso, é preciso que esses movimentos saibam que é necessário um processo de formação do sujeito que vive no campo e que venha a ser agente das transformações sociais requeridas.

Então, a permanência dos jovens no campo depende muito das oportunidades que lhes sejam possibilitadas, já que eles não vão ficar num ambiente de origem, se não tiverem como manter o mínimo necessário à sua sobrevivência e de sua família, como: a modernização da produção agrícola, a concentração fundiária, a busca por melhores condições de vida e emprego, entre outros fatores.

Por isso, sonho com uma escola que vá além do aprender e do ensinar, pois nesse espaço de troca de saberes é possível construir uma relação de respeito, amor e confiança, trazendo encantamento, inspiração e sentido.

Simone Ribeiro, Ana Paula Ferreira e Suely Noronha dizem que a escola do campo é um espaço de vida, onde se realizam todas as dimensões humanas, contrapondo-se, assim, à concepção de campo apenas como setor de economia, local de produção de mercadoria. O campo é o espaço geográfico e político onde os sujeitos sociais, tanto do campesino quanto do agronegócio, executam seus projetos de vida para o desenvolvimento.

Nos últimos tempos, tem-se observado o avanço do agronegócio, que vem causando a devastação ecológica, a perda da terra arável, de recursos hídricos, contaminação por agrotóxicos, aumento da desigualdade do campo, aumento da poluição e problemas para o meio ambiente, aumento dos problemas de saúde para os trabalhadores, dentre outros.

Segundo Miguel Arroyo Gonzalez, é preciso educar para um modelo de agricultura que inclua os excluídos, que amplie o posto de trabalho, que aumente as oportunidades de desenvolvimento das pessoas e da comunidade e que avance no sentido de direcionar a produção e a produtividade, para a garantia de uma vida mais digna para todos, respeitando os limites da natureza.

Por 20 anos, lecionei em uma sala multisseriada, com alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Nesse período, pude observar inúmeras vantagens que uma classe multisseriada proporciona aos alunos, como espaço de autonomia e habilidade de lidar com o outro. A interação entre os alunos de diferentes idades cria espaços produtivos em que todos aprendem e ensinam juntos. As trocas de experiências e discussões possibilitam maior socialização de ensino entre alunos e professores.

Com boas práticas, formação dos docentes, material didático disponível e outros recursos básicos nesses ambientes, a sala multisseriada pode ser transformada num espaço de aprendizagem significativa e de qualidade.

Prof^a. Delizete Kelis

A JORNADA NAS FORMAÇÕES CONTINUADAS: CONSTRUINDO O SABER DOCENTE

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA DO CAMPO

Ser professora na atualidade nas escolas do campo requer estudos e comprometimentos com os educandos. Dessa forma, no ano de 2009, na rede municipal de ensino de Vargem Alta, iniciamos os estudos relacionados ao Programa Escola Ativa. Nesse período, estava trabalhando como professora na escola campesina e percebia que as crianças eram inferiorizadas por possuírem costumes e um modo de vida diferente em relação aos alunos das escolas com direção, pois se consideravam melhores que os alunos que moravam no campo. É um conceito que devemos repensar, pois a diversidade cultural dos sujeitos que ocupam diferentes territórios deve ser respeitada, e as crianças do campo e da cidade têm seu verdadeiro valor.

O trabalho educacional voltado para a Educação do Campo começou com as pedagogas que trabalhavam conosco nas escolas multisseriadas. Elas nos orientavam com os estudos dos livros do Programa Escola Ativa, para que compreendêssemos como é importante a permanência do homem no campo, pois o êxodo rural desordenado gera mais pobreza e um maior número de pessoas analfabetas ou semianalfabetas. Isso gera também o esquecimento de sua cultura, costumes e valores. As professoras tinham estudos quinzenais para aprofundamento de estudos relacionados à Educação do Campo, além de articulações de ideias para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que ressignificassem o trabalho de formação dos alunos das comunidades campesinas de Vargem Alta.

É importante destacar que foram intensificados, nas escolas do campo, a construção coletiva com participação dos alunos, os cantinhos de aprendizagem, com a inclusão dos museus das comunidades campesinas e memoriais. Outra prática fundamental foi o “**Dia da Conquista**”, do qual a comunidade escolar participava, dando ênfase à família e demais representatividades da comunidade. Nesse dia, foram apresentadas atividades que os alunos realizaram no decorrer do ano, como forma de conquistas realizadas no

percurso de formação, no referido ano letivo. Além disso, a escola se preparava para receber todos como um momento de festividade educacional, com mostras de atividades realizadas pelos alunos, apresentações artísticas, degustação de comidas típicas camponesas. Portanto, trata-se de uma forma de valorização da Educação do Campo e da comunidade camponesa.

Dos anos de 2015 a 2021, emergiram formações voltadas para as escolas do campo, como o curso de Aperfeiçoamento do Programa Escola da Terra Capixaba, no qual os tutores nos possibilitaram a reflexão a respeito da valorização do modo de vida do campo e da cidade. Assim, todo modo de vida pode e deve ser respeitado e é preciso ensinarmos novos meios de produção e da vida no campo para evoluirmos, deixando em destaque a importância da agricultura familiar ou camponesa, em harmonia com a Mãe Terra, pois é a natureza que mantém a vida no nosso planeta.

Nos respectivos estudos, tivemos acesso à Constituição Federal, às Diretrizes Operacionais da Educação do Campo, a resoluções, para que, apoiados na legislação, seja garantida a permanência dos educandos nas escolas camponesas, pois é um direito dos sujeitos do campo. Dessa forma, eles têm direito a permanecer onde realizam a agricultura familiar como atividade econômica, com dignidade para intensificar o mercado de consumo alimentício, valorização da terra e da produção agrícola com sustentabilidade, contribuindo para construção, sucesso e crescimento do nosso país.

Portanto, os referidos cursos, realizados aos longos desses anos, possibilitaram-nos cada vez mais aprender a respeitar e reconhecer que todos os seres humanos têm saberes diferentes e diversificados, ocorrendo uma troca de experiências significativas para os sujeitos do campo, com seus saberes práticos articulados com saberes científicos.

Profª Fabiana Lunz Bueno Dansi

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE ENCONTROS FORMATIVOS

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE ENCONTROS FORMATIVOS

A proposta de encontros formativos para as professoras da Educação do Campo, nas salas multisseriadas de Vargem Alta/ES, surge a partir das visitas realizadas nas escolas e das entrevistas e diálogos promovidos com as professoras. Essas interações foram extremamente produtivas, possibilitando que, juntas, pudéssemos pensar, de forma colaborativa, em uma formação contínua que fosse além de ações pontuais demandadas pelo Ministério da Educação (MEC).

Observamos, no coletivo das professoras, a oportunidade de levantar demandas emergentes que pudessem auxiliá-las na compreensão do marco legal que sustenta a Educação do Campo. As Legislações com Resoluções e Diretrizes da Educação do Campo, ainda um tema que causa certa estranheza, especialmente porque o município não adota os princípios norteadores da Educação do Campo como política educacional, exigem uma atenção especial.

Nesse contexto, durante as entrevistas, as professoras expressaram continuamente a necessidade de encontros formativos que proporcionem momentos de leitura, reflexão, diálogo e debate sobre os temas relacionados à Educação do Campo. Isso permitiria novos conhecimentos e argumentos necessários para defender as escolas multisseriadas com mais propriedade, além de colaborar para evitar o fechamento das escolas multisseriadas. O discurso do fechamento tem se tornado cada vez mais presente a cada ano, e as professoras enxergam no processo formativo uma alternativa para, junto aos pais e à comunidade, utilizarem vias legais para impedir o possível fechamento de escolas.

Outra questão recorrente diz respeito ao currículo campesino. As professoras reconhecem a importância dele, mas, muitas vezes, não há diálogo suficiente sobre a inserção de programas que não conversam com esse currículo. Isso acaba levando ao retorno de práticas urbanocêntricas, e as docentes se veem na “cilada” de realizar adaptações. Já compreendemos que, quando se trata de Educação do Campo, não se deve falar em adaptação curricular, mas sim em um currículo elaborado e pensado junto aos sujeitos e suas culturas locais, partindo de sua realidade.

Com base nas situações discutidas no início da pesquisa, em que o objetivo inicial do caderno era apenas relatar as práticas pedagógicas críticas, surgiu a necessidade de ir além e elaborar uma proposta de encontros formativos. Essa proposta parte das necessidades apresentadas pelas professoras, que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre a profissão docente e constituir seus saberes por meio do diálogo com o coletivo. Elas reconhecem que as salas multisseriadas demandam do professor maior autonomia e conhecimento para lidar com a realidade e outras questões que surgem no cotidiano escolar, tornando essencial a criação de momentos de estudo e reflexão.

Dessa forma, os encontros formativos foram organizados com leituras de textos, diálogos, discussões e reflexões. Os textos foram selecionados de acordo com os temas abordados, visando a um maior aprofundamento e compreensão, para que isso se reflita na prática pedagógica. A proposta prevê a realização dos encontros ao longo do ano letivo, com uma carga horária total de 120 horas, divididas em dois encontros presenciais e dois não presenciais, por eixo, além de 20 horas destinadas à apresentação no I Seminário de Práticas Críticas.

Por fim, vale destacar que esta proposta é apenas o ponto de partida. Se, ao longo dos encontros, surgirem novas demandas, deve ser feito um novo planejamento. É fundamental que os encontros sejam orientados pelas questões emergentes no cotidiano escolar, para que as professoras compreendam melhor a realidade e, assim, possam proporcionar uma educação de maior qualidade nas escolas campesinas, fortalecendo suas práticas pedagógicas.

OBJETIVO GERAL

- Promover encontros formativos para as professoras da Educação do Campo das salas multisseriadas, visando ao fortalecimento da compreensão das concepções da Educação do Campo, da elaboração de currículos contextualizados à realidade local, fomentando a reflexão, o debate, a ação coletiva e o fortalecimento de práticas pedagógicas críticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover debates e diálogos sobre as diretrizes que balizam a Educação do Campo;
- Refletir, por meio de momentos formativos com os pares, sobre estudos teóricos/práticos acerca de currículo campesino e a experiência com os sujeitos estudantes e a comunidade escolar;
- Mobilizar a potência coletiva presente nos encontros formativos para refletir sobre as práticas pedagógicas que têm sido construídas no cotidiano escolar e sobre as suas potencialidades;
- Problematizar, por meio da leitura de textos e de vídeos, nos encontros formativos, visando à expansão e ao aprofundamento das experiências pedagógicas e curriculares para a efetivação de um currículo para a Educação do Campo, construído a partir da realidade com os sujeitos.
- Compreender a importância da elaboração do Projeto Político Pedagógico e as suas dimensões política e pedagógica;
- Apresentar relatos de práticas pedagógicas críticas no seminário.

EIXOS

PARA A PROPOSTA DE ENCONTROS FORMATIVOS

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E PROGRAMA DE TEXTOS E ATIVIDADES QUE FORAM SELECIONADOS DE ACORDO COM AS ENTREVISTAS REALIZADAS COM AS PROFESSORAS.

PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA FORMAÇÃO A PARTIR DAS EXPECTATIVAS DAS PROFESSORAS

ENCONTROS FORMATIVOS – COMPARTILHANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

EIXOS FORMATIVOS:

1º EIXO

CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO
DO CAMPO E LEGISLAÇÃO

TEMÁTICA:

A legislação da Educação do Campo e as salas multisseriadas

TEXTOS DISPARADORES DOS DIÁLOGOS:

- LDB 9.394/96 - cap. II;
- RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo;
- RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº. 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo;
- RESOLUÇÃO CEE-ES Nº. 6.596/2022. Aprova as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo, e dá outras providências;
- Plano Municipal de Educação de Vargem Alta/ES 2015-2020;
- Considerações sobre a Educação do Campo no Brasil (Janinha Gerke e Erineu Foerste).

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DOS ENCONTROS FORMATIVOS:

- Mística¹;
- Leituras, diálogos e reflexões das leis, diretrizes e textos formativos;
- Debates;
- Construção da memória narrativa dos encontros;
- Auto-organização dos encontros;
- Vídeo - MST e a Educação do Campo;
- Atividade não presencial - Leitura do texto: Considerações sobre a Educação do Campo no Brasil (Janinha Gerke e Erineu Foerste)

OFICINA PEDAGÓGICA

Realização de Oficina Pedagógica de reflexão sobre as práticas apresentadas pelas professoras da EMEB “Itabira”. A atividade será desenvolvida em dupla de professoras, com o objetivo de destacar os avanços, limites e possibilidades.

Pontos para a reflexão:

- 1) A atividade elaborada apresenta princípios da Educação do Campo?
- 2) Se não, quais você destacaria?
- 3) Como podemos elaborar atividades partindo desses princípios que estudamos?
- 4) Apresente alguns apontamentos para que, ao planejar, o professor pense nesses princípios.
- 5) Apresentar sugestões a partir das leituras, fundamentando suas observações no movimento dialético ação, reflexão e ação.

1. A mística se expressa através da poesia, do teatro, da expressão corporal, de palavras de ordem, da música, do canto, dos símbolos, das ferramentas de trabalho, do resgate da memória e se torna um momento de celebração que envolve os diversos sujeitos em um mesmo objetivo do coletivo (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 1999).

2º EIXO

FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) DA EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO PRÁTICA EMANCIPATÓRIA

TEMÁTICA:

Formação de professores na perspectiva freireana

TEXTOS DISPARADORES DOS DIÁLOGOS:

- Considerações sobre a Educação do Campo no Brasil (Janinha Gerke e Erineu Foerste);
- Políticas de formação de educadores(as) do campo (Miguel Gonzalez Arroyo);
- A formação de professores da Educação do/no campo: território em disputa legal (Maria Aparecida Vieira de Melo e Ricardo Santos de Almeida);
- “Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico” (Ana Maria Saul e Alexandre Saul).

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DOS ENCONTROS FORMATIVOS:

- Mística;
- Leituras do relato de memória do encontro anterior;
- Roda de conversa sobre o Atividade não presencial - Leitura do texto: Considerações sobre a Educação do Campo no Brasil (Janinha Gerke e Erineu Foerste)
- texto (levantamento dos destaques da leitura do texto, diálogos, debates e reflexões da leitura);
- Dinâmica “A linha de chegada”: Através dos comandos que serão dados às

professoras, elas irão avançar ou ficar paradas. Ao término da atividade, quando a primeira alcançar a linha de chegada, será feita uma reflexão sobre as oportunidades que foram dadas a ela para chegar primeiro e se as que não chegaram foi porque não quiseram ou as oportunidades não foram iguais, ou equivalentes. Então, quando falamos em formação de professores da Educação do Campo, o que é necessário pensar? Qual a referência de formação que propicia a valorização dos sujeitos?

- Que prática se considera mais adequada à Educação do Campo para as salas multisseriadas?
- Leitura, diálogos e reflexões dos textos:
 - Políticas de formação de educadores(as) do campo (Miguel Gonzalez Arroyo);
 - A formação de professores da Educação do/no campo: território em disputa legal (Maria Aparecida Vieira de Melo e Ricardo Santos de Almeida);
- Escrever um memorial da formação docente: cada professora irá relatar a sua trajetória de formação docente;
- Atividade não presencial: Leitura do texto Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico” (Ana Maria Saul e Alexandre Saul).

OFICINA PEDAGÓGICA

Realização de Oficina Pedagógica de reflexão sobre as práticas apresentadas pelas professoras da EMEB “Sossego”.

Pontos para a reflexão:

- 1) A atividade elaborada apresenta princípios da Educação do Campo?
- 2) Se não, quais você destacaria?
- 3) Como podemos elaborar atividades partindo desses princípios que estudamos?
- 4) Apresente alguns apontamentos para que, ao planejar, o professor pense nesses princípios.
- 5) Apresentar sugestões a partir das leituras, fundamentando suas observações no movimento dialético ação, reflexão e ação.



EDUCAÇÃO DO CAMPO E SALAS MULTISSERIADAS - PONTOS E CONTRAPONOTOS

TEMÁTICA:

Educação do Campo e as salas multisseriadas

TEXTOS DISPARADORES DOS DIÁLOGOS:

- Educação do Campo, legislação e implicações na gestão e nas condições de trabalho de professores(as) das escolas multisseriadas (Salomão Mufarrej Hage);
- Formação de educadores de turmas multisseriadas: a narrativa como dispositivo formativo (Selma Costa Pena e Douglas Almeida de Oliveira);
- Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino (Salomão Mufarrej Hage).

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DOS ENCONTROS FORMATIVOS:

- Mística;
- Leituras das memórias;
- Narrativa do encontro;
- Discussão do texto “Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico” (Ana Maria Saul e Alexandre Saul). por meio de júri de acusação e defesa;
- Leitura dos textos em grupo e apresentação das discussões debatidas em cada texto, apresentadas em forma de seminário.

OFICINA PEDAGÓGICA

Realização de Oficina Pedagógica de reflexão sobre as práticas apresentadas pelas professoras da EMEB “Santana”.

Pontos para a reflexão:

- 1) A atividade elaborada apresenta princípios da Educação do Campo?
- 2) Se não, quais você destacaria?
- 3) Como podemos elaborar atividades partindo desses princípios que estudamos?
- 4) Apresente alguns apontamentos para que, ao planejar, o professor pense nesses princípios.
- 5) Apresentar sugestões a partir das leituras, fundamentando suas observações no movimento dialético ação, reflexão e ação.

4º EIXO

SALAS MULTISSERIADAS

TEMÁTICA:

Transgredir a multissérie

TEXTOS DISPARADORES DOS DIÁLOGOS:

- Tempo, espaço e conhecimento nas escolas rurais (multi)seriadas e transgressão ao modelo seriado de ensino (Salomão Mufarrej Hage, Maria Izabel Alves Reis);
- Transgressão do paradigma da (multi)seriação como referência para a construção da escola pública do campo (Salomão Antônio Mufarrej Hage);
- Escola de Direito: reinventando a escola multisseriada (Maria Isabel Antunes-Rocha, Salomão Mufarrej Hage) - Cap. I e II.

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DOS ENCONTROS FORMATIVOS:

- Mística;
- Leituras das memórias;
- Narrativa do encontro;
- Leitura e discussão dos textos;
- Em trio, as professoras irão selecionar um dos textos lidos e fazer uma proposta de uma aula no modelo de transgressão proposto nas leituras realizadas;
- Atividade não presencial;
- Em dupla ou trio, irão selecionar um autor da área da Educação do Campo para fazer uma “Ocupação Pedagógica”.

OFICINA PEDAGÓGICA

Realização de Oficina Pedagógica de reflexão sobre as práticas apresentadas pelas professoras da EMEB “Frade”.

Pontos para a reflexão:

- 1) A atividade elaborada apresenta princípios da Educação do Campo?
- 2) Se não, quais você destacaria?
- 3) Como podemos elaborar atividades partindo desse princípios que estudamos?
- 4) Apresente alguns apontamentos para que, ao planejar, o professor pense nesses princípios.
- 5) Apresentar sugestões a partir das leituras, fundamentando suas observações no movimento dialético ação, reflexão e ação.



AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CRÍTICAS VIVENCIADAS NO CONTEXTO CAMPESINO

TEMÁTICA:

A escola do campo em movimento

TEXTOS DISPARADORES DOS DIÁLOGOS:

- Livro “Por uma Educação do Campo” (Miguel Gonzalez Arroyo, Roseli Salette Caldart, Mônica Castagna Molina) - Cap. III: A escola do campo em movimento (Roseli Caldart);
- A escola do campo não é uma escola multisseriada, nucleada, ciclada... é uma escola em movimento, que possui o jeito do campo (Salomão Mufarrej Hage, Hellen do Socorro de Araújo Silva);
- Elementos para construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo (Roseli Caldart);
- Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo (Roseli Caldart).

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DOS ENCONTROS FORMATIVOS:

- Mística;
- Leituras das memórias;
- Narrativa do encontro;
- Discussão dos textos relacionados acima;
- Atividade em dupla: Criação do mural bidimensional a partir das leituras dos textos.

OFICINA PEDAGÓGICA

Realização de Oficina Pedagógica de reflexão sobre as práticas apresentadas pelas professoras da EMEB “Antonio Vazzoler”.

Pontos para a reflexão:

- 1) A atividade elaborada apresenta princípios da Educação do Campo?
- 2) Se não, quais você destacaria?
- 3) Como podemos elaborar atividades partindo desse princípios que estudamos?
- 4) Apresente alguns apontamentos para que, ao planejar, o professor pense nesses princípios.
- 5) Apresentar sugestões a partir das leituras, fundamentando suas observações no movimento dialético ação, reflexão e ação.

I SEMINÁRIO

DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CRÍTICAS

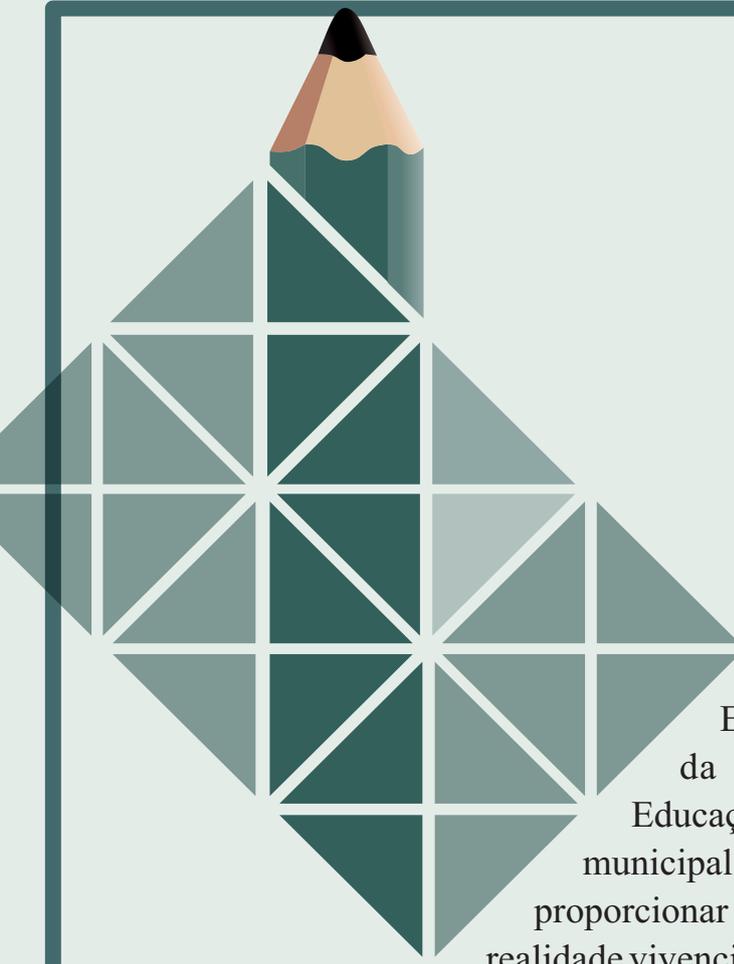
OS SABERES, OS SABORES E A MULTICULTURALIDADE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO A PARTIR DOS SUJEITOS EM MOVIMENTO

Seminário de encontros de professoras da Educação do Campo, com relatos de experiências e apresentação de trabalho dos estudantes. As professoras, neste dia, relatarão suas experiências, as práticas pedagógicas críticas, e os estudantes farão apresentação cultural.

CRITÉRIOS DE ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS PARA CERTIFICAÇÃO

AVALIAÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS:

A avaliação dos encontros formativos ocorrerá de forma contínua. À medida que os estudos forem avançando e surgirem novas demandas, apresentadas de acordo com a necessidades das professoras, faremos novo planejamento para que os encontros formativos sejam produtivos. Também serão estabelecidos, no decorrer dos encontros, os critérios de participação individual nas rodas de conversa, a participação em atividades individuais e coletivas. Também será realizado um Seminário na qual cada professora irá fazer relato de suas práticas a partir dos estudos realizados. A frequência das professoras no decorrer dos encontros formativos deverá contar com o mínimo de 70% de aproveitamento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM VARGEM ALTA/ES

Este caderno pedagógico foi concretizado a partir da pesquisa realizada com as professoras da Educação do Campo das salas multisseriadas da rede municipal de Vargem Alta/ES. Seu objetivo principal é proporcionar momentos de encontros formativos baseados na realidade vivenciada dentro do contexto das escolas do campo.

A proposta de formação apresentada deve ser vista como um ponto de partida flexível, e não como um modelo rígido. A intenção é que a Secretaria Municipal de Educação (Seme) utilize essa estrutura como base para organizar encontros formativos, que podem ser elaborados de acordo com as necessidades e demandas surgidas ao longo das formações. Os temas e textos sugeridos poderão ser revisados e ajustados conforme as questões que emergirem das próprias professoras, respeitando suas experiências e perspectivas. Cabe ressaltar que todo o planejamento foi desenvolvido com base nas entrevistas com as professoras e que os encontros serão dialogados, com as atividades sendo realizadas de forma coletiva. Assim, o princípio da auto-organização será fundamental, como destacado por Frigotto (2012), que propõe uma formação integral e omnilateral, ou seja, completa em todas as dimensões do ser humano.

Educação Omnilateral, significa, assim, a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico (Frigotto, 2012, p. 265).

Nesse sentido, a proposta dos encontros formativos foi estruturada visando à continuidade da formação de cada professora, conectando essa formação com a prática pedagógica diária e relacionando as diversas dimensões que envolvem o desenvolvimento humano. A interação com a sala de aula será um aspecto central dessa formação.

Os encontros formativos representarão uma oportunidade significativa de crescimento pessoal e profissional, proporcionando intensos debates e a desconstrução de paradigmas relacionados à organização curricular. Ao mesmo tempo, abrirão novas perspectivas sobre a realidade educativa, reconhecendo que o processo de aprendizagem é sempre inconcluso. O aprendizado traz consigo grandes responsabilidades e compromissos éticos e políticos; e as professoras, como agentes de transformação, devem atuar de forma ativa na defesa dos direitos dos sujeitos do campo, garantindo sua inclusão nos currículos escolares como portadores de saberes próprios e legítimos.

Ancorada nessa perspectiva, a segunda parte do caderno pedagógico, os anexos, é composta por relatos de práticas pedagógicas críticas desenvolvidas pelas professoras nas escolas. As atividades foram selecionadas pelas próprias docentes, destacando um movimento coletivo em que todas se dispuseram a compartilhar suas experiências. As atividades apresentadas refletem o esforço significativo de cada professora, considerando os grandes desafios enfrentados no cotidiano escolar, já expostos ao longo da dissertação que gerou este produto.

Mesmo diante das limitações e adversidades que permeiam o trabalho pedagógico, as professoras se mantêm em constante movimento de estudo e pesquisa, buscando aprimorar suas práticas. Elas compreendem o papel fundamental que desempenham na comunidade e reconhecem a importância de sua atuação para que a escola continue sendo um espaço de referência para todos.

O trabalho realizado pelas professoras também evidencia o desejo de aprofundar o entendimento sobre as concepções e princípios da Educação do Campo. De acordo com Arroyo (2004), os processos educativos estão intrinsecamente ligados às experiências de vida que transcendem o ambiente escolar, permeando toda a trajetória dos indivíduos. Para tanto, é necessário que a escola redirecione seu currículo, vinculando-o ao trabalho, à cultura e à produção, respeitando as especificidades do campo.

Por fim, é imprescindível destacar a importância dos planejamentos coletivos, que são momentos essenciais para a troca de experiências e o enriquecimento das práticas pedagógicas. As professoras precisam de espaços-tempos adequados para se reunirem e organizarem o trabalho pedagógico, considerando as peculiaridades do campo. Esses momentos são fundamentais para o fortalecimento da educação campestre e para a efetivação das aprendizagens de todos os sujeitos. Dessa forma, o campo pode ser preservado em sua cultura, criando seus próprios espaços de aprendizagem de maneira independente, sem a necessidade de seguir modelos externos, mas construindo sua própria autonomia educacional.

REFERÊNCIAS



ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; HAGE, Salomão Mufarrej (orgs.). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; v. 2).

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Educação e movimentos sociais: uma pedagogia crítica da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de formação de educadores(as) do campo. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003 (série Saber com o outro, v. 1).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96)**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002**. Institui as diretrizes operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo. Brasília: MEC/SECAD, 2002.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 28 de abril de 2008**. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Brasília: MEC/SECAD, 2008.

CALDART, Roseli Salette. A escola do campo em movimento. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salette; MOLINA, Mônica Castagna (orgs.). **Por uma Educação do Campo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CALDART, Roseli Salette. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da Educação do Campo**. Texto produzido a partir da exposição “A construção da identidade da Educação do Campo”, desenvolvida no Seminário Estadual da Educação do Campo, promovido pela Secretaria de Estado do Paraná, 11 de março de 2004.

CALDART, Roseli Salette. **Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo**. Texto apresentado para Aula Inaugural do semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral, realizada em 9 de março de 2020.

CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ESPÍRITO SANTO. **Resolução CEE-ES Nº 6.596/2022**. Diretrizes operacionais da educação do campo do Espírito Santo. Vitória, 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. *In*: CALDART, Roseli Saete *et al.* (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 265 -272.

GERKE, Janinha; FOERSTE, Erineu. Considerações sobre a Educação do Campo no Brasil. *In*: FOERSTE, Erineu; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; SCHUTZ-FOERSTE, Gerda Margit (orgs.). **Educação do campo: diálogos interculturais**. Curitiba: Appris, 2019. p. 151-177.

HAGE, Salomão A. Mufarrej. Educação do campo: conceitos e história em construção. *In*: MOLINA, Monica Castagna; HAGE, Salomão Mufarrej (Orgs.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília, DF: Liber Livro, 2004. p. 73-96.

HAGE, Salomão A. Mufarrej. **Educação do campo, legislação e implicações na gestão e nas condições de trabalho de professores das escolas multisseriadas**. [S.l.: s.n.], [s.d.].

HAGE, Salomão A. Mufarrej. Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr. 2011.

HAGE, Salomão A. Mufarrej. Transgressão do paradigma da (multi)seriação como referência para a construção da escola pública do campo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 12, p. 1165-1182, out./dez. 2014.

HAGE, Salomão A. Mufarrej; REIS, Maria Izabel Alves. Tempo, espaço e conhecimento nas escolas rurais (multi)seriadas e transgressão ao modelo seriado de ensino. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 77-91, jan./abr. 2018.

HAGE, Salomão Mufarrej; SILVA, Hellen do Socorro de Araújo. A escola do campo não é uma escola multisseriada, nucleada, ciclada... é uma escola em movimento, que possui o jeito do campo. *In*: PROGRAMA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO (FORMACAMPO). **Caderno temático: organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo: tempos e espaços educativos**. Grupo de Estudos GEPERUAZ, 2022

MELO, Maria Aparecida Vieira de; ALMEIDA, Ricardo Santos de. A formação de professores da Educação do/no campo: território em disputa legal. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 212, jan. 2019.

PENA, Selma Costa; OLIVEIRA, Douglas Almeida de. Formação de educadores de turmas multisseriadas: a narrativa como dispositivo formativo. **Revista Teias**, v. 22, n. 65, p. 44-58, abr./jun. 2021.

SAUL, Ana; SAUL, Alexandre. Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 61, p. 19-35, jul./set. 2016.

VARGEM ALTA. **Plano Municipal de Educação 2015-2020**. Vargem Alta, 2015

ANEXOS

ANEXO A

ENCONTRO DE PROFESSORAS DAS ESCOLAS DO CAMPO DAS SALAS MULTISSERIADAS - COMPARTILHANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CRÍTICAS

MEMÓRIA DO ENCONTRO DO RELATO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS ESCOLAS DO CAMPO DA REDE MUNICIPAL DE VARGEM ALTA

*A ciência que não contribuir para resolver os problemas da vida,
há de servir para muito pouco.
Regina Leite Garcia (2003, p. 10)*

Na manhã do dia 17 de setembro, no Polo da Universidade Aberta do Brasil “Isaac Thompson de Paula”, tivemos a oportunidade de participar de um momento de celebração com as professoras do campo, pedagoga da Secretaria de Educação e mestrandas da turma VII e VIII da Universidade Federal do Espírito Santo. O objetivo do encontro foi relatar momentos educativos e significativos e de relevância para os alunos da Educação do Campo da rede municipal de ensino de Vargem Alta, para compor o caderno de narrativas da mestranda Luciana Marta Alves Silva.

No início do encontro, tivemos a oportunidade de vivenciar a mística com a participação de todas as escolas do campo, apresentando algo significativo da escola campesina. Na ocasião, foram apresentados: bandeira da escola, registro de atividades pedagógicas, boneca Velhinha Goiabeira, o símbolo do Projeto “Lendo pra Cachorro”, sob o fundo musical de Thiago Brado:

Somente em ti construirei a minha casa
Somente em Ti colocarei minha esperança
Mas só em Ti minh'alma achou descanso
Mas só em Ti eu pude repousar.
E o meu coração, deseja te encontrar
Como a terra seca, anseia pela chuva
Vem me saciar, pois eu descobri que aqui é meu lugar.

Dando continuidade, Luciana Marta fez abordagens a respeito da importância do planejamento coletivo, exercício da profissão docente, currículo campesino, a importância de momentos coletivos como movimento social, práticas pedagógicas...

Em seguida, as professoras das escolas do campo iniciaram o relato de práticas pedagógicas,

representando verdadeiras preciosidades de cada escola, na sua individualidade e diversidade. Podemos destacar relatos riquíssimos, com as seguintes abordagens: o ensino do sistema decimal, unidade, dezena e centena, por meio da brincadeira “Amarelinha”; alimentação saudável, com a produção de salada de fruta; trabalho a respeito da produção do café, interligando a história da produção cafeeira do passado ao presente; memorial das atividades pedagógicas; a lenda da Velhinha Goiabeira; Projeto de Leitura Lendo pra Cachorro; trabalho com a semente crioula do milho, fornecida por Padre Rogério, Pároco da Paróquia de São João Batista, adquirida em uma área de assentamento; atividades econômicas da comunidade campesina...

Após, ocorreu uma discussão a respeito do fechamento das escolas do campo, com grande ênfase na escola da comunidade de Richmond, que perdeu a verba do FNDE para a construção da escola na comunidade, ocasionado a superlotação da escola da sede do município. Outro assunto foi que a lei do transporte escolar não está sendo cumprida, pois o aluno deve estudar na escola mais próxima da sua residência, mas o transporte está sendo viabilizado para os alunos estudarem nas escolas com equipe gestora. Retratou-se, também, a importância do planejamento coletivo como forma de fortalecimento das escolas do campo.

Neste momento, cabe destacar, também, o relato da professora egressa da Educação do Campo, Delizete Kellis:

Trabalhei durante 20 anos na escola do campo, na Comunidade de Santo Antônio. Trabalhava muita leitura, dramatização, apresentações culturais, valorização do homem do campo; trabalhava um mesmo conteúdo com atividades diversificadas para cada turma; atividades físicas; envolvimento da comunidade no Dia da Conquista. Quando trabalhava um conteúdo com o 5º ano, os demais alunos da turma já iam aprendendo, o que representava a potência da multisseriação, em contraposição à seriação, com apoio significativo das pedagogas das escolas do campo, que localizavam-se na Secretaria de Educação, mas estavam conectadas o tempo todo com os professores do campo das diferentes comunidades. Ao sair da comunidade campesina, trabalhei, no decorrer de dois anos, numa escola com equipe gestora, mas muitas vezes desenvolvia um trabalho solitário. Alertou os professores a respeito do processo de alfabetização, pois estava com uma sobrinha que não aprendeu a ler no decorrer do primeiro ano com o material do PAES, mas conseguiu alfabetizar sua sobrinha com um mês, com um material de texto de memória que as professoras do campo construíram anos atrás. Termina o seu relato, emocionada do início ao fim, perguntando: O que está acontecendo com a educação? Por que os alunos não estão sendo alfabetizados como deveriam? Estou angustiada e preocupada com nossa educação, façam a diferença como professores potentes na Educação do Campo.

Como pedagoga das escolas do campo da rede municipal de Vargem Alta, mestranda da turma VIII do Mestrado Profissional, foi um prazer realizar estes escritos e participar de um momento tão rico, pois os

momentos de coletividade nos proporcionam evolução humana e profissional, o que levamos para as memórias das nossas vidas, crescemos profissionalmente e pessoalmente. Portanto, um movimento social só vai para a frente com união e engajamento no exercício da profissão docente.

Alcimara Altoé Rabelo



Fonte: arquivos pessoais da pesquisadora.

ANEXO B

RELATOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADORAS

I EMEB “SOSSEGO”

Professora: Edineia Ventura

Turmas: 1º ao 5º ano (Ensino Fundamental - séries iniciais)

Organização da sala de aula²:



2. Todas as fotos dos relatos das práticas pedagógicas são do arquivo da pesquisadora ou das professoras participantes da pesquisa.



PROJETO DE LEITURA “LENDO PRA CACHORRO”

JUSTIFICATIVA

Percebemos que a realidade atual vem afastando cada vez mais nossos alunos do ato de ler. Aspectos como computadores, videogames, TV, o acesso restrito à leitura no núcleo familiar, e a falta de incentivo têm ocasionado pouco interesse para leitura e, por consequência, dificuldades marcantes que sentimos na escola: vocabulário precário, reduzido e informal; dificuldade de compreensão; erros ortográficos; poucas produções significativas dos alunos; conhecimentos restritos aos conteúdos escolares.

Para desenvolver o gosto pela leitura desde a infância é importante que a criança se familiarize com os livros, com os mundos mágicos, imaginários. A hora da leitura é lazer, divertimento, mas também oportuniza à criança desenvolver o sentido ético, estético e de formação. Ela projeta o seu próprio mundo e, ao representá-lo, encontra maneiras diversas de expressar o que sente. A leitura não pode se limitar a uma única expressão, mas diversificar as múltiplas linguagens.

Através da leitura, o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, explorá-lo, decifrar os sentimentos e emoções que o cercam e acrescentar vida ao sabor da existência. Pode, então, vivenciar experiências que propiciem e solidifiquem os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, pensamos ser dever de nossa instituição de ensino propiciar aos nossos educandos momentos que possam despertar neles o gosto pela leitura, o amor ao livro, a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler.

O aluno deve perceber que a leitura é o instrumento chave para alcançar as competências necessárias para uma vida de qualidade, produtiva e com realização. Sabemos que do hábito de leitura dependem outros elos no processo de construção de conhecimento.,

Assim, estimulando a leitura, faremos com que nossos alunos compreendam melhor o que estão aprendendo na escola e desenvolvam habilidades, como pesquisar, resumir, resgatar a ideia principal do texto, analisar, criticar, julgar, posicionar-se, tendo o domínio sobre a língua oral e escrita, tendo em vista sua autonomia e participação social.

OBJETIVO GERAL

Despertar no aluno o prazer pela leitura, possibilitando o desenvolvimento de competências que visem torná-lo leitor e produtor competente de textos, oferecendo mecanismos e condições necessárias ao desenvolvimento de habilidades da leitura e da escrita, ampliando, assim, o conhecimento da linguagem e aumentando a capacidade de comunicação e expressão.

HABILIDADES

- (EF35LP02) Selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula e/ou disponíveis em meios digitais para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião, após a leitura.
- (EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.
- (EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos.
- (EF12LP01) Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização.
- (EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte, como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
- (EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
- (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio, etc.), confirmando antecipações e inferências

realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

- (EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.
- (EF15LP1) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
- (EF12LP02) Buscar, selecionar e ler, com a mediação do professor (leitura compartilhada), textos que circulam em meios impressos ou digitais.

METODOLOGIA

- Produção de um cachorro com materiais recicláveis na aula de arte;
- Construção de um espaço com literaturas reservadas para o Projeto de Leitura “Lendo pra Cachorro”;
- Desenvolvimento de leituras na sala de aula diariamente, tendo como companhia o mascote Jubiscreudo;
- Os alunos terão seus cadernos individuais com fichas de registro de leitura de textos e literaturas;
- O Projeto também contará com um Caderno Coletivo;
- Em sala de aula, todos os dias, serão realizadas leituras explorando os mais variados gêneros: poemas, piadas, charadinhas, cantigas, parlendas, trava-línguas, lendas, etc. Após a leitura, que poderá ser feita no espaço externo da escola, no tapete de leitura, as crianças farão o preenchimento de seus cadernos individuais;
- Além disso, nos finais de semana, uma criança será selecionada para levar para casa o mascote e uma bolsa contendo um livro de literatura, para, juntamente com a família, fazer a leitura, o registro no Caderno Individual e uma produção de texto contando as aventuras que viveu com Jubiscreudo. Essa produção de texto deverá compor o Caderno de Registro Coletivo do Projeto;
- O reconto da história será feito na sala de aula, pela criança, no dia do retorno, com os materiais do projeto, além da realização da leitura de sua produção de texto;
- A estadia de Jubiscreudo nas casas deverá ser registrada através de fotos. As fotografias retiradas com a família serão expostas em murais no Dia da Conquista e anexadas no caderno de registro individual, ilustrando as produções de texto.

CRONOGRAMA

O projeto será desenvolvido ao longo do ano letivo, ininterruptamente. No entanto, a culminância será no Dia da Conquista, em que acontecerá a exposição de todos os trabalhos desenvolvidos durante o projeto.

RECURSOS

Recursos humanos:

Contaremos com a participação ativa dos alunos, da colaboração da Equipe Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, da professora, da servente e dos familiares.

Recursos materiais:

Textos de diversos gêneros;

Literaturas Infantis;

Bolsa do Projeto;

Caderno de registro coletivo;

Caderno de registro individual;

Canetinha;

Lápis de cor;

Lápis;

Borracha;

Cola;

Papel ofício;

Tapete de leitura;

Materiais recicláveis, etc.

AVALIAÇÃO

A avaliação acontecerá através de um processo contínuo. Ela se dará por meio da observação, da participação e desenvolvimento dos alunos ao longo do projeto.

QUERIDOS FAMILIARES,

Contamos com o seu apoio, para que nosso projeto de leitura seja um sucesso e possamos alcançar o nosso objetivo principal: o desenvolvimento pleno da criança.

PROJETO “LENDO PRA CACHORRO”

LER PRA CACHORRO...

É LER MUITO

É LER DE TUDO UM POUCO

É LER NO SOSSEGO, NA ESCOLA, EM CASA, EM TODO LUGAR.

É LER MUITOS GÊNEROS

É LER TEXTOS GRANDES E PEQUENOS

HISTÓRIAS CHATAS OU DIVERTIDAS.

LER PRA CACHORRO...

É LER PRA MÃE, PRO PAI, PRO IRMÃO, PRA AVÓ, PRO AVÔ,

PROS COLEGAS, PRA PROFESSORA

É LER PRA TODO MUNDO.

LER PRA CACHORRO...

É RECRIAR, IMAGINAR, VIAJAR, SE EXPRESSAR.

LER PRA CACHORRO...

É CONHECER A CADA DIA ALGO NOVO.

É SABOREAR NOVAS PALAVRAS, NOVAS SENSações E SENTIR UM FRIOZINHO NA BARRIGA GOSTOSO, QUE SÓ A LEITURA FAZ.

ENTÃO, LEIA!

LEIA SEMPRE!

LEIA COM VONTADE!

LEIA MAIS!

LEIA PRA CACHORRO!

BOA LEITURA!



OLÁ! EU SOU O JUBISCREUDO
UM MASCOTE QUE ADORA HISTÓRIAS E TEXTOS DE TODOS OS GÊNEROS.
EU VOU TE ACOMPANHAR NOS MOMENTOS DE LEITURA NA ESCOLA
(SEMPRE)

E ÀS VEZES EM CASA, NOS FINAIS DE SEMANA.

ENTÃO, LEIA PRA CACHORRO!

VOCÊ ESTÁ PARTICIPANDO DO PROJETO “LENDO PRA CACHORRO”. ANTES DE DESLANCHAR NA LEITURA, LEIA ALGUMAS ORIENTAÇÕES:

1°

ESCOLHA UMA LITERATURA NO CANTINHO SELECIONADO EM SALA DE AULA PARA O PROJETO “LENDO PRA CACHORRO”.

LEVE PRA CASA O CACHORRO E A BOLSA CONTENDO A LITERATURA ESCOLHIDA, UM CADERNO DE REGISTROS, LÁPIS, BORRACHA, CANETINHA, LÁPIS DE COR E APONTADOR.

2°

3°

LEIA O LIVRO COM A AJUDA DE UM FAMILIAR, SE NECESSÁRIO.

PREENCHA A FICHA DE LEITURA.

4°

5°

PRODUZA UM TEXTO CONTANDO AS AVENTURAS QUE VIVEU COM JUBISCREUDO EM SUA CASA.

TIRE FOTOS BEM CRIATIVAS COM O MASCOTE, JUNTAMENTE COM SUA FAMÍLIA PARA ILUSTRAR SUA PRODUÇÃO DE TEXTO.

6°

7°

TENHA CUIDADO COM NOSSO MASCOTE. ELE É MUITO PRECIOSO E PRECISA ESTAR INTEIRO ATÉ O FINAL DO PROJETO.

BOA LEITURA!

8°

FICHA DE LEITURA “LENDO PRA CACHORRO”

NOME DO ALUNO(A): _____

SÉRIE: _____

DATA DA LEITURA: / /

QUAL É O TÍTULO DA LITERATURA?

QUAL É O GÊNERO TEXTUAL?

QUAL É O NOME DO AUTOR?

QUEM É O ILUSTRADOR?

QUAIS SÃO OS PERSONAGENS? ONDE A HISTÓRIA ACONTECE?

QUE ENSINAMENTO ESSA HISTÓRIA TRAZ PARA NOSSA VIDA?

VOCÊ CONSEGUIU LER SOZINHO?

CASO NÃO, QUEM FEZ A LEITURA?

PINTE A IMAGEM QUE REPRESENTA SUA APRECIÇÃO DA HISTÓRIA:



Detestei



Não gostei



Indiferente



Gostei



Adorei

FAÇA UM DESENHO REPRESENTANDO A HISTÓRIA QUE VOCÊ LEU.

*RETIRE DO CACHORRO A LEITURA BÔNUS, LEIA E REPRODUZA OUTRA.

* REGISTRE UMA FOTOGRAFIA SUA E DE SUA FAMÍLIA LENDO PRA CACHORRO.

Os benefícios de ler

Prazer

através das leituras próprias para as crianças elas podem acabar se divertindo com as histórias encontradas.

Habilidades linguísticas

quanto mais se lê, melhor se escreve e melhor se comunica.

Conhecimentos

ao mesmo tempo em que a leitura desenvolve o senso crítico das crianças, ela também é capaz de aumentar a variedade de experiências vividas por esses pequenos.

Concentração

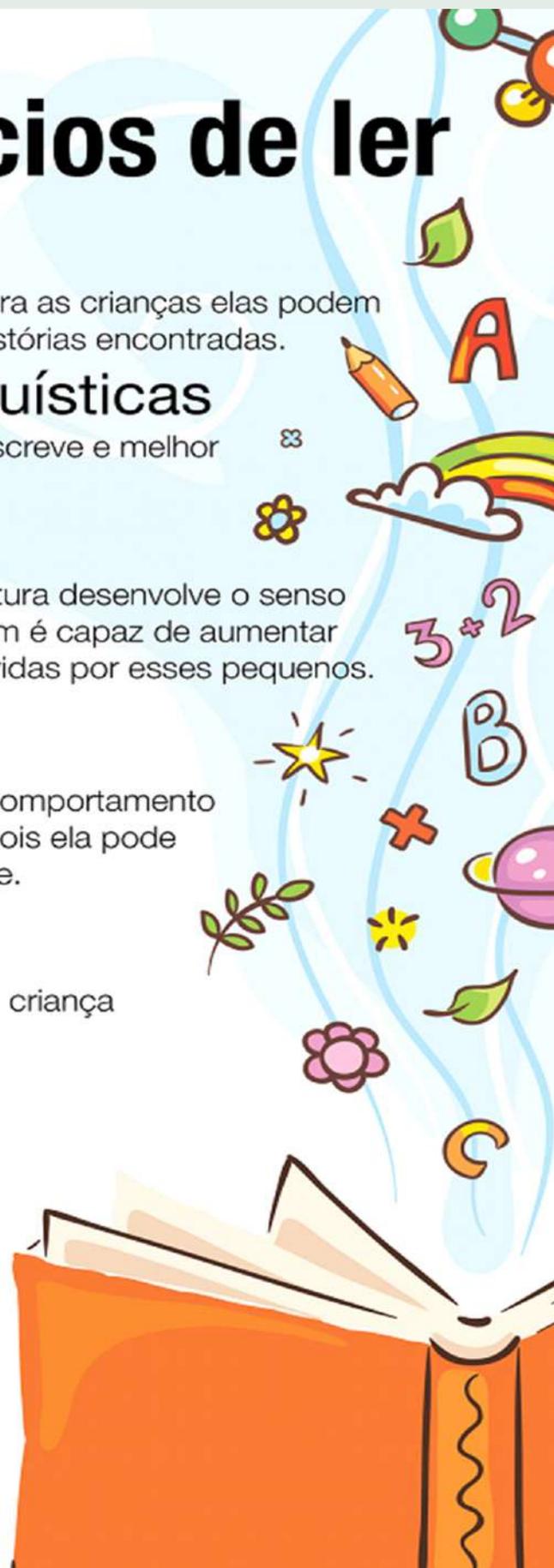
isso contribui também com o comportamento dela perante outras pessoas, pois ela pode se tornar uma excelente ouvinte.

Curiosidade

imaginar vai ser o forte de uma criança que gosta de ler.



www.**ESTUDOKIDS**.com.br



*"Tenha sempre um livro
ao alcance
do seu tempo."*

Cora Coralina



**LER É APRIMORAR
SABERES!**

Simone Helen Drumond Ischkanian



FOTOS DAS ATIVIDADES COM A FAMÍLIA



RELATO DE PRÁTICA

A LENDA DA VELHINHA GOIABEIRA

Trabalhando o folclore, contextualizado com a Comunidade Escolar, buscamos proporcionar aos alunos uma compreensão profunda sobre lendas, suas características e a importância cultural que possuem. Além disso, desenvolvemos diversas atividades para estimular a criatividade e a capacidade de interpretação dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizado dinâmico e interativo.

Durante a aula, abordamos a definição de lendas, diferenças entre lendas e outros gêneros textuais, apresentamos exemplos de lendas brasileiras e de outras culturas e analisamos como as lendas refletem a cultura e os valores de uma sociedade. Exploramos a leitura de diversas lendas que compunham o “Varal de Leitura”, quando os alunos tiveram a oportunidade de discutir suas lendas favoritas e compartilhar suas experiências relacionadas a essas histórias.

A partir daí, foi proposta à turma a produção de uma lenda coletiva que explorasse algo da comunidade escolar. Depois de muito pensar, imaginar e dialogar, as crianças, apontando o pé de goiaba que existe no quintal da escola, resolveram produzir a lenda da Velhinha Goiabeira.

A produção foi feita primeiramente no caderno de Produção de Texto, depois foi digitada e ilustrada, tornando-se uma Literatura Infantil. Além disso, numa aula de artes, personificamos a Velhinha Goiabeira, utilizando diversos utensílios e materiais. A Velhinha Goiabeira já faz parte do nosso ambiente escolar e nos acompanha em todos os eventos da escola.



RELATO DA PROFESSORA



Na nossa escola, desenvolvemos um projeto pedagógico voltado para a criação de lendas e a valorização da cultura local, integrando a produção de textos e o folclore. Um dos exemplos mais significativos desse trabalho foi a criação da "Lenda da Velhinha Goiabeira". A proposta inicial para os alunos era desenvolver uma lenda baseada em algo da comunidade. Como havia um pé de goiaba no quintal da escola, os alunos decidiram criar uma história em torno dele. O processo de criação foi coletivo e, após a produção, encadernamos o texto e eles também se encarregaram de ilustrar o livro.

A "Lenda da Velhinha Goiabeira" narra que, no quintal da Escola de Sossego, havia uma árvore misteriosa, com um tronco que parecia ter olhos. Durante o dia, a goiabeira vigiava as crianças enquanto brincavam no pátio, mas à noite se transformava em uma velhinha que visitava as casas dos alunos. Se a criança fosse estudiosa e obediente, a Velhinha Goiabeira a presenteava com uma cesta de delícias feitas de goiaba, como goiabada, suco, biscoitos e bombons. No entanto, se a criança fosse desobediente ou preguiçosa nos estudos, ela recebia um beliscão da velhinha, que dizia: "Se comporte na escola e estude mais. Eu estou de olho!".

A lenda descrevia a velhinha como uma figura enigmática, com olhos verdes, cabelos formados por folhas de goiaba e unhas grandes, capazes de dar um beliscão nas crianças que não se comportassem. As crianças se envolveram tanto na criação da história quanto nas ilustrações do livro, que acabou se tornando um elemento de orgulho para elas. Ao final, havia um alerta: "Se você for aluno do Sossego,

cuidado, você está sendo vigiado pela Velhinha Goiabeira. O que será que você vai ganhar? Presentes ou um beliscão?»

Essa atividade de produção textual coletiva faz parte de um projeto maior que temos na escola, o **Projeto de Leitura**, que já está em sua terceira edição. O projeto começou com a criação de um mascote chamado "Jubiscreudo", um cachorrinho de pelúcia que os alunos levavam para casa junto com um caderno de leitura. No caderno, eles registravam suas experiências de leitura e escreviam como foi a "visita" do Jubiscreudo em suas casas, ilustrando com desenhos e fotos. Cada aluno tem seu próprio caderno de leitura, em que faz anotações sobre os livros lidos, responde a perguntas sobre os textos e, no final, ganha figurinhas como recompensa por sua dedicação à leitura.

Esse projeto passou por várias transformações. Inicialmente, o mascote era apenas um incentivo curioso, mas, com o tempo, ele se tornou parte central da rotina de leitura dos alunos, que agora aguardam ansiosamente para levar o mascote para casa. Também incluímos um **varal de leitura** na escola, no qual os alunos expõem suas produções e leituras semanais, integrando a comunidade escolar nesse processo.

Em conjunto com o "Projeto de Leitura", desenvolvemos várias atividades que exploram a escrita criativa e a leitura como formas de estimular a imaginação e o senso crítico das crianças. Recentemente, finalizamos o ciclo de atividades com o "Jubiscreudo" e já estamos planejando um novo mascote para o próximo semestre, além de continuarmos a incentivar a produção individual e coletiva de textos, o que fortalece o vínculo das crianças com a leitura e com suas próprias histórias. A produção literária continua sendo uma forma de integração entre escola, família e comunidade, enriquecendo o aprendizado de forma criativa e colaborativa.

2 EMEB “FRADE”

Professora: Michele Martini de Backer Fachim

Turmas: 1º ao 5º ano (Ensino Fundamental - séries iniciais)

Organização da sala de aula:



RELATO DE PRÁTICA

EXPERIÊNCIA QUE NÃO TEM PREÇO

A experiência é amiga do silêncio; da contemplação; do parar para olhar, sentir, ouvir, pensar, escutar sem julgar; da abertura para novas compreensões; é preciso deter-se nos detalhes, cultivar a delicadeza. Embora experiência seja intransferível, por meio da palavra (oral ou escrita) podemos compartilhá-la com os demais, assim como tomar contato com experiência do outro.

O tema foi: Poetas da Escola. Diante da possibilidade que sempre há de trabalhar no ambiente escolar esse gênero, não hesitei em experimentá-lo com os alunos. Sempre enxerguei os textos poéticos enquanto um convite para o despertar da sensibilidade e do sentimento humano. O que eu vislumbrava naquele momento era a possibilidade de mostrar aos alunos uma nova forma de se relacionar com o mundo da poesia.

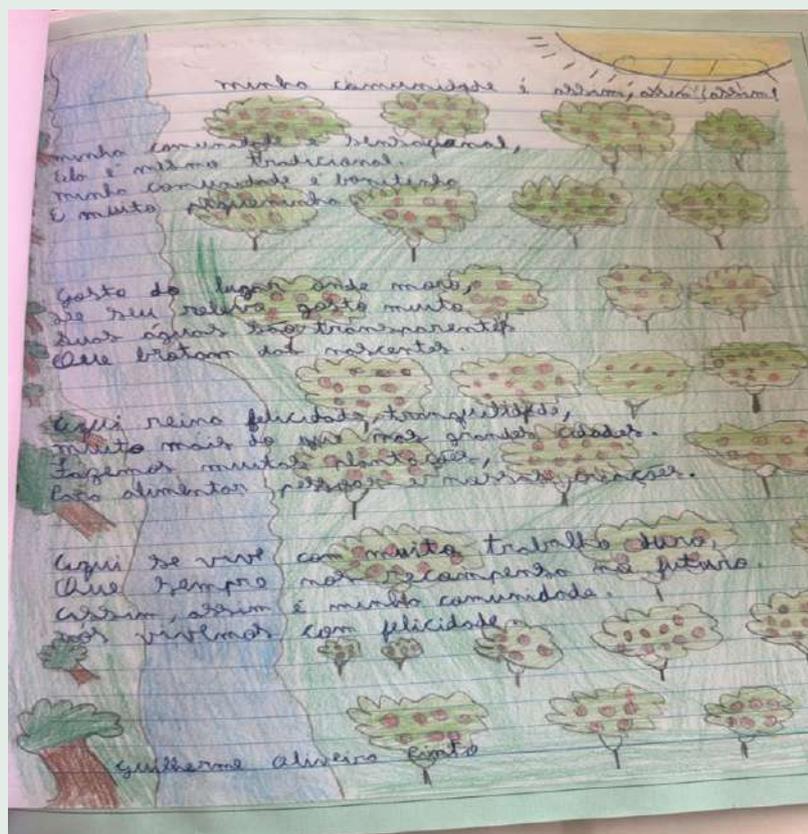
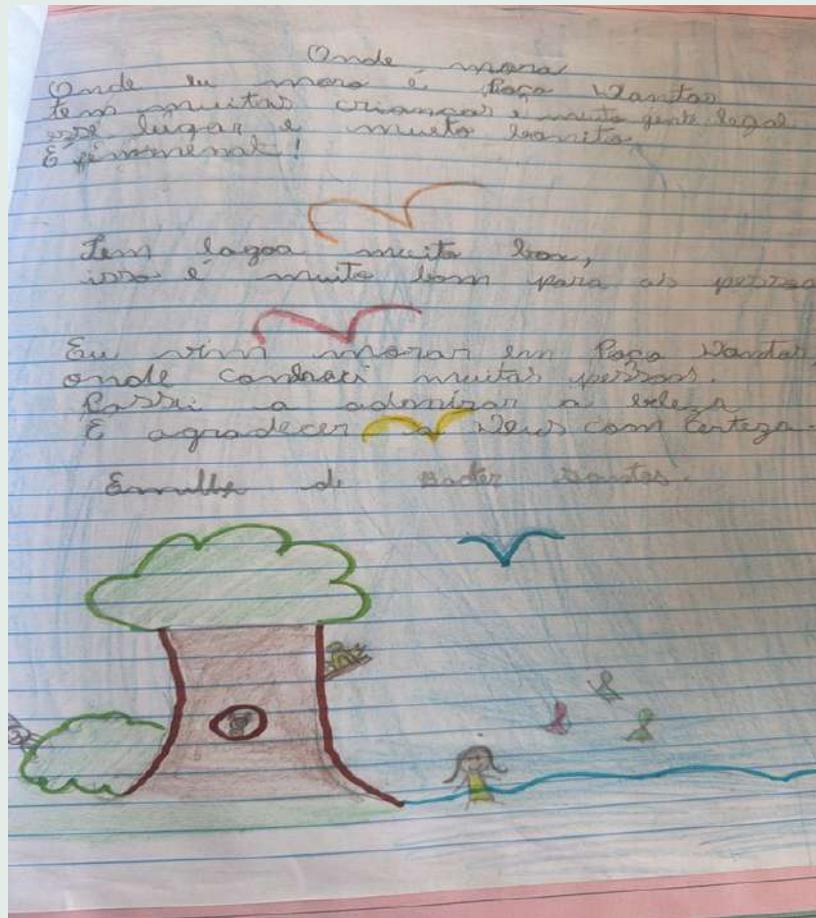
Dessa forma, iniciei, então, o trabalho por uma pedagogia de análise da proposta. Os alunos demonstraram interesse e entusiasmo pelo trabalho. Após cada oficina realizada, pude perceber o engajamento e desenvolvimento de cada criança. Os alunos demonstraram um grande interesse na realização de cada oficina. Um dos momentos marcantes de nosso trabalho foi o desenvolvimento da oficina “Memórias de versos”, em que houve o resgate e a valorização da cultura da comunidade. O trabalho iniciou na escola, mas teve continuidade em casa, com a família e vizinhos. Ao chegarem à escola no dia seguinte, os alunos demonstraram grande ansiedade e entusiasmo para relatar a proposta solicitada. Tivemos um momento mágico durante a apresentação da pesquisa. Trouxeram para sala de aula áudios e poemas, recitados e escritos por seus parentes.

Foi uma satisfação observar no rostinho de cada criança a alegria. Um trabalho gratificante, pois não somente os alunos participaram, mas sim toda comunidade escolar (escola, aluno, família e comunidade).

Mesmo admirada e contagiada por tudo que foi desenvolvido, não consegui me distanciar do olhar de professora e perceber como aqueles alunos, que antes não se interessavam pelo gênero, estavam ali se deleitando com as poesias, mostrando criatividade, produtividade, empenho e responsabilidade.

Ao analisar os resultados obtidos com o trabalho em questão, foi possível contemplar a obtenção de várias habilidades desejadas no momento de sua construção.

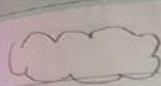
ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ESTUDANTES



MORO NO CAMPECAMPO

MINHA COMUNIDADE É POO CAMPE-
SE CHAMA POÇO DANTAS
UM LUGAR BONITO
COM VERDE E ÁGUAS
PURAS.

DEBORA VITORIA DA SILVA BACKENER.



Onde eu moro



O lugar onde eu moro
Tem muitas árvores
Tem muitas cores
Por isso eu gosto muito.



É calma, é tranquilo
Tem disso e daquilo
Não é um sonho, mas realidade
Por é um lugar de verdade.



Casa é muito bom
Tem frutas, legumes de hortão
Cebolas e Quiambas
Mas o mais importante



Eu amo esse lugar
Com coisas para brincar
Se você quer conhecer
Vem morar aqui.

Evandro Balthoso Dias

RELATO DE PRÁTICA

LEITURA DELEITE COMO ATIVIDADE PERMANENTE

Neste relato de experiência socializei algumas vivências de leitura com os alunos da EMEB FRADE. Como atividade permanente, a leitura precisa fazer parte do cotidiano do processo de alfabetização numa abordagem lúdica, com contextos significativos para os estudantes, priorizando sempre o protagonismo e a autoria dos infantes.

Iniciei, apresentando o Cantinho da Leitura existente na sala de aula e realizei uma conversa sobre os livros, sobre os momentos destinados à leitura e as brincadeiras e interações que aconteceriam ao longo do ano. Durante o diálogo, as crianças se mostraram bastante curiosas em relação ao acervo. Após sanar as dúvidas e aguçar ainda mais o espírito curioso das crianças, convidei-as a manusear livremente os diferentes livros disponíveis.

Observei que os mais experientes liam para os demais colegas, enquanto outros preferiam a leitura individual, sem estabelecer qualquer relação com a professora ou com os colegas.

Durante esse processo, pude analisar atentamente as atitudes das crianças, seus hábitos e preferências de leitura. Identifiquei quem tinha mais e quem tinha menos autonomia, curiosidade e imaginação para inventar histórias a partir da leitura pictórica e de algumas palavras.

Também foi possível registrar algumas ideias para planejar atividades diversificadas de reflexão sobre sistema de escrita alfabético e, de modo geral, sobre os eixos da língua portuguesa (oralidade, leitura, produção escrita, análise linguística), assim como anotar os nomes dos livros escolhidos. Essas informações foram preciosas para o desenvolvimento da aula e das sequências didáticas posteriores.

Com a leitura deleite, as crianças aprendem a compreender os diferentes textos do universo literário, nos múltiplos sentidos que o leitor pode produzir durante a leitura, e assim desenvolver as habilidades e as competências leitoras necessárias: saber escutar, saber apreciar os diferentes tipos de texto, saber defender uma ideia ou saber apresentar argumentos, saber produzir sentidos, saber perceber os efeitos de sentidos de um texto, saber participar das intervenções e dialogia no espaço da sala de aula ou fora dela, saber argumentar e respeitar os turnos de fala, saber produzir gestos leitores, saber realizar suas próprias leituras, etc.

Concluí que a leitura ocupa papel na vida diária dos estudantes de modo prazeroso, lúdico e que, embora não explicitado, há sim intencionalidade pedagógica bem definida e com interações positivas tanto para as crianças quanto para nós, professores.



RELATO DA PROFESSORA



A minha prática pedagógica tem duas vertentes principais. Uma delas está relacionada com a leitura, mais especificamente a chamada "leitura deleite", uma atividade permanente. Embora eu não me recorde exatamente qual programa incentivou essa prática, acredito que tenha sido o Profa, embora ela tenha ganhado maior destaque com o PNAIC, que atribuiu esse nome à atividade. Essa prática tem sido muito gratificante e prazerosa para mim e faz parte da rotina diária da minha turma.

Desde o início do ano, venho trabalhando para criar um ambiente propício à leitura, começando com a organização de um "cantinho da leitura", onde os alunos se sentem à vontade para explorar os livros. O que é mais interessante é observar como aqueles que já sabem ler ajudam os colegas, formando pequenos grupos no cantinho da leitura. No ano passado, implementei uma atividade com uma "colcha de retalhos", em que os alunos trouxeram pedaços de tecido e juntos montamos a colcha. Eles adoravam se sentar sobre ela para realizar suas leituras, tornando a prática ainda mais envolvente.

A leitura deleite acontece todos os dias após o recreio. Atualmente, já não sou eu quem realiza a leitura para os alunos. Eles mesmos escolhem os livros que querem ler, levam para casa, compartilham com a família e, no dia seguinte, trazem para a escola para discutir com os colegas. Para evitar conflitos, organizamos um rodízio de livros. Essa rotina se tornou tão marcante que, antes de começarmos a leitura, sempre cantamos uma musiquinha que sinaliza o início da atividade. Ao final da música, todos devem ficar em silêncio para que a leitura possa começar.

Além disso, também temos trabalhado com a leitura da Bíblia, independentemente da religião de cada um, como parte da leitura deleite. Cantamos uma música de cunho bíblico e, em seguida, realizamos a leitura. Essa prática, para mim, é uma experiência inestimável.

Outro ponto que gostaria de destacar é o trabalho com poemas. Organizamos atividades diversificadas, abordando temas da comunidade, o que despertou grande interesse nos alunos. Eles ficaram tão entusiasmados que, junto com suas famílias, produziram textos sobre o tema "Onde eu moro", retratando a realidade da comunidade. Esse material, infelizmente, não está legível nas fotos que trouxe, mas tenho todos os registros guardados em uma pasta memorial.

Ao longo do ano, eu costumo confeccionar uma pasta com o memorial das atividades desenvolvidas. Cada aluno faz um relato sobre as aulas, anexamos fotos e as atividades realizadas. Isso nos permite, ao final do ano, ter um registro completo de tudo o que foi trabalhado. Infelizmente, este ano não consegui concluir esse trabalho da forma que gostaria, devido a outros compromissos que demandaram meu tempo, mas reconheço a importância desse memorial, tanto para a valorização do processo pedagógico quanto para a reflexão sobre o desenvolvimento das crianças ao longo do ano.

3 EMEB "ITABIRA"

Professora: Cirlene Candido da Silva Mozer

Turma: 1º ao 3º ano

Organização da sala de aula:



VIAJANDO NAS PÁGINAS: EXPLORANDO A LEITURA

ÁREA DO CONHECIMENTO:

Língua Portuguesa / Matemática

ATIVIDADES DE ROTINA:

Acolhida, calendário, leitura compartilhada

OBJETO DO CONHECIMENTO:

Leitura

OBJETOS:

- Estimular o gosto pela leitura e a compreensão do texto;
- Promover a análise crítica e a expressão de ideias dos alunos sobre o livro.

ATIVIDADES

1. Escolha do livro;
2. Leitura compartilhada: incentivando a participação ativa dos alunos na leitura em voz alta e na discussão sobre os acontecimentos e personagens;
3. Análise do enredo: promover debates e atividades para que os alunos possam analisar o enredo, identificar os principais acontecimentos, compreender os personagens e discutir suas motivações;
4. Expressão das ideias: incentivar os alunos a expressarem suas opiniões e interpretações sobre o livro, por meio de debate, produção textual, desenhos ou outras formas de expressão criativa;
5. Atividade prática: produção coletiva, a criação de um final alternativo para a história.

RECURSOS

- Exemplos do livro escolhido para leitura compartilhada;
- Papel e material de escrita para as atividades práticas e produção textual.

AVALIAÇÃO

A avaliação ocorrerá pela participação dos alunos nas discussões, na compreensão do enredo e dos personagens, na capacidade de expressar suas ideias e opiniões sobre o livro, bem como na criatividade demonstrada na atividade prática.



RELATO DE PRÁTICA

HERANÇA DE SABEDORIA: SEMENTES CRIOULAS: SABEDORIA E SUSTENTABILIDADE

HABILIDADE

(EF02CI06) Identificar as principais partes de uma planta (raiz, caule, folhas, flores e frutos) e a função desempenhada por cada uma delas, e analisar as relações entre as plantas, o ambiente e os demais seres vivos.

OBJETIVOS

- Compreender a importância da preservação da diversidade genética;
- Observar e descrever o ciclo de vida do milho;
- Aprender sobre práticas agrícolas tradicionais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. Introdução à semente crioula de milho: Explicar aos alunos o que são sementes crioulas e a importância da preservação da diversidade genética das plantas cultivadas.
2. Plantio das sementes: Distribuir sementes crioulas de milho para os alunos e ensiná-los a plantá-las em pequenos vasos na escola e em casa, explicando o processo de germinação e crescimento das plantas.

3. Acompanhamento do crescimento: Estimular os alunos a observarem diariamente o desenvolvimento das plantas, registrando em um diário de bordo as mudanças ao longo do tempo, como germinação, crescimento das folhas e formação das espigas.
4. Estudar do ciclo de vida do milho: Explicar o ciclo de vida do milho, desde a germinação até a produção de novas sementes, e pedir aos alunos para ilustrarem ou montarem um painel representando as diferentes etapas.
5. Visitar uma plantação de milho na comunidade, entrevista com agricultor que cultiva sementes crioulas para conhecer essa prática de cultivo.
6. Feira de troca de sementes (Dia da Conquista): Promover uma feira na escola onde os alunos possam trocar sementes crioulas entre si, incentivando a preservação da biodiversidade e a valorização das práticas agrícolas sustentáveis.

AVALIAÇÃO

Ao final do projeto, os alunos terão aprendido não apenas sobre o cultivo de plantas, mas também sobre a importância da diversidade genética e da preservação das sementes crioulas.



RELATO DA PROFESSORA



No ano passado, participei do projeto Agrinho, uma iniciativa que visa trabalhar temas importantes, como agricultura familiar e sustentabilidade com os alunos. Desenvolvemos o projeto "Mãos na Terra e Alimento na Mesa", que foi apresentado em um seminário como relato de experiência. A proposta consistia em sair do ambiente escolar e realizar visitas à comunidade para conhecer a produção local. Dessa forma, conseguimos mostrar a importância da agricultura familiar e o que é produzido na própria comunidade.

Visitamos uma fábrica de biscoitos caseiros e um sítio onde é produzido o plantio de goiabas, que depois são transformadas em polpa e geleia. Um dos aspectos mais marcantes foi a fala de um dos produtores locais, o senhor Joel, que destacou que ele só comercializa aquilo que sente confiança de servir à sua própria família. Ele enfatizou a importância de consumir alimentos com o mínimo de agrotóxicos, priorizando práticas sustentáveis.

Ao longo do projeto, buscamos dar continuidade a essas discussões, pensando em maneiras de fixar esse aprendizado. Para marcar o relato de experiência, distribuímos sementes de milho crioulo, uma variedade tradicional e livre de modificações genéticas. Essas sementes foram trazidas por um padre de uma associação em Muqui, que promove o cultivo sustentável.

A distribuição dessas sementes despertou muita curiosidade na comunidade, com diversas pessoas me perguntando como podiam obter mais informações. A experiência foi tão positiva que decidi inscrever novamente o projeto no Agrinho deste ano, dessa vez focando diretamente no milho crioulo, que se espalhou pela comunidade, com várias famílias plantando e cuidando desse recurso tradicional.

Durante o projeto, as crianças também foram incentivadas a entrevistar membros de suas famílias, como avós e pais, para descobrir como eles estavam plantando, armazenando e cuidando dessas sementes. Isso gerou um envolvimento ainda maior dos alunos, que passaram a observar o

desenvolvimento das plantas, fazendo o projeto caminhar por diversas disciplinas de maneira interdisciplinar.

O tema central do Agrinho deste ano foi "Herança Sustentável", o que se encaixou perfeitamente com o milho crioulo. O trabalho desenvolvido foi enviado ao concurso, e as atividades incluíram desde a produção de textos pelos alunos até a criação de desenhos, já que o projeto contempla crianças de diferentes faixas etárias. Para as turmas do primeiro e terceiro anos, o foco foi o desenho; enquanto para o quarto e quinto anos, os alunos produziram textos sobre a experiência.

Uma parte muito rica desse projeto foi a oportunidade de fazer as crianças vivenciarem o ciclo do plantio e da colheita. Cada aluno recebeu um saquinho de sementes para plantar e foi incentivado a cuidar de sua própria plantação. Eles enviaram fotos do progresso das plantas, e o objetivo é montar um painel para o Dia da Conquista, um evento que celebra as tradições e conquistas da comunidade escolar. Pedi que as crianças deixassem o milho crescer e amadurecer completamente, de modo que possamos guardar as sementes e garantir essa "herança sustentável" para o futuro.

Além disso, pretendemos visitar um moinho local, onde o milho é transformado em alimento, mostrando às crianças todo o ciclo produtivo e reforçando a importância de valorizar a produção local. Isso cria um vínculo entre a terra, a história e a cultura da comunidade.

Outro aspecto importante do nosso trabalho é o projeto de leitura da escola, que ocorre todo ano. Nele, as crianças levam livros para casa e, na segunda-feira seguinte, retornam com um registro no caderno de leitura. Essa atividade ocupa um espaço privilegiado na nossa rotina escolar, pois acreditamos na importância da leitura como prática fundamental para o desenvolvimento educacional. Os alunos apresentam um resumo da história que leram, destacam suas partes favoritas, e muitos fazem desenhos ou colagens para ilustrar o que mais gostaram no livro.

A prática de leitura tem se mostrado extremamente valiosa, pois permite que as crianças se envolvam com a literatura de forma livre e criativa, usando sua imaginação para trazer as histórias para o ambiente escolar. Esse trabalho também é interdisciplinar, já que envolve diversas habilidades e conteúdos, como a escrita, a arte e até mesmo a dramatização, dependendo da maneira como os alunos expressam o que aprenderam.

Dessa forma, tanto o projeto Agrinho quanto o projeto de leitura promovem uma educação conectada com a realidade local e as tradições da comunidade, proporcionando aos alunos uma vivência rica e significativa que vai além da sala de aula.

4 EMEB “SANTANA”

Professora: Claudia Freire de Alvarenga Couto Mengal

Ano/Turma envolvida: 1º ao 5º ano

Organização da sala de aula:



RELATO DE PRÁTICA

AMARELINHA: PULANDO A GENTE APRENDE

INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento da atividade da apostila do PAES 4º ano Matemática, 1º Trimestre, atividade “Quando eu nasci”, que trabalha com a leitura e escrita de números naturais, bem como a comparação e ordenação de números, foi necessária a utilização de um jogo para que os alunos pudessem internalizar os conceitos de unidade, dezena, centena e milhar, bem como o valor relativo e posicional dos algarismos dentro das ordens e classes. Havia muita dificuldade na compreensão de por que um mesmo algarismo assumia valores e “nomes diferentes” em um numeral.

No Jogo da Amarelinha de unidade, dezena, centena e milhar, o aluno representava um numeral. Quando ele passava na casinha da unidade, ele gritava: “1 passando pela unidade, 10 passando pela dezena, 100 passando pela centena e 1.000 passando pela unidade de milhar”.

E assim, sucessivamente, com os outros alunos representando até o algarismo 9, compreenderam a transitividade numérica e os valores assumidos pelos algarismos, ao representarem a ordem em determinada classe.

Também utilizamos o Q.V.L para demonstrar os conceitos trabalhados no Jogo da Amarelinha.

Trabalhar jogos na matemática pode trazer diversos benefícios significativos para o aprendizado, como motivação e engajamento. Jogos tornam o aprendizado mais divertido e envolvente. As crianças tendem a se interessar mais pelas atividades quando estão jogando, o que pode aumentar a participação e a atenção. Jogos oferecem um retorno instantâneo sobre o desempenho dos alunos. Isso ajuda as crianças a entenderem rapidamente onde estão errando e o que precisam melhorar, além de ajudar na flexibilidade da aprendizagem e reduzir a ansiedade.

OBJETIVOS

- Identificar o valor posicional dos algarismos nos números;
- Escrever números naturais até a unidade de milhar;
- Apropriar-se do conceito de valor relativo ou posicional do algarismo;
- Compreender as regras do sistema de numeração decimal;
- Ler, escrever, ordenar e comparar números naturais até unidade de milhar;
- Identificar características do sistema de numeração decimal.

HABILIDADES/DESCRITORES

- (EF03MA02) Identificar características do sistema de numeração decimal, utilizando a composição e a decomposição de número natural de até quatro ordens.
- (EF04MA01/ES) Ler, escrever e ordenar números naturais até a ordem de dezenas de milhar.

METODOLOGIA

- Brincadeira da Amarelinha: cada quadradinho da amarelinha representava uma ordem (unidade, dezena, centena e milhar);
- Os alunos representavam os numerais de 1 a 9;
- Quando transitavam pelas ordens da Amarelinha, tinham que falar a transformação que o número fazia. Ex.: Unidade: 2, Dezena: 20, Centena: 200, Unidade de Milhar: 2.000;
- Se gritassem um numeral que não era o correspondente da casinha, saíam da brincadeira.

MATERIAIS UTILIZADOS

- Giz branco para desenhar a amarelinha, espaço da área para a brincadeira, pedrinha para marcar o jogo;
- Posteriormente, Q.V.L para representar os numerais.

DESCRIÇÃO DETALHADA DA PRÁTICA

Ao apresentar a atividade “Quando eu nasci”, que trabalha com a leitura e escrita de números naturais, bem como a comparação e ordenação de números (da apostila do PAES Matemática, 1º Trimestre, aula 1 e 2), senti a necessidade de incluir um jogo para que os alunos internalizassem os conceitos de valor relativo e valor posicional do algarismo dentro de um número.

Havia dúvidas sobre por que um mesmo algarismo era descrito de forma diferente dentro de um numeral. Na atividade “Quando eu nasci”, que trabalha com a leitura e escrita de números naturais, bem como a comparação e ordenação de números, o Jogo da Amarelinha ajudou na compreensão desses conceitos. Ao trabalhar a apostila do PAES 4º ano Matemática junto com o Jogo da Amarelinha e outras atividades escritas, a aprendizagem foi potencializada de forma prazerosa.

ADAPTAÇÕES E DESAFIOS

Como trabalho em uma turma multisseriada, todos os alunos participaram da brincadeira, tornando um desafio a participação do 1º ano na atividade. Os demais alunos ajudaram e orientaram os colegas menores.

RESULTADOS/AVALIAÇÃO DA PRÁTICA/ REFLEXÕES E APRENDIZADO

A turma teve um excelente resultado no conteúdo, a partir da prática realizada. Pude observar que não há barreiras na aprendizagem de matemática, quando ela é colocada de forma alegre e descontraída.

REFERÊNCIA

Manual do Professor - livro do PAES 4º ano Matemática; Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



RELATO DA PROFESSORA



Na escola, temos diversas práticas pedagógicas, e eu sempre gostei muito da alfabetização. Ensinar a ler e escrever é algo que realmente me motiva. Às vezes, com alguns alunos, a gente pensa que não vai dar certo, mas, com o tempo, vemos que a sementinha que plantamos germina. Pode ser que não sejamos nós que colheremos, mas sabemos que fizemos nossa parte. A alfabetização é algo que sempre me inspirou a trabalhar com jogos, como alfabeto móvel, jogo da memória e dominó, trazendo ludicidade para que o processo não fique pesado e para que as crianças possam aprender brincando. No entanto, dessa vez, não trabalhei diretamente com a alfabetização.

Mesmo assim, por gostar de jogos e brincadeiras, especialmente com uma turma multisseriada, senti que seria importante criar um momento em que todos pudessem se entrosar através da brincadeira. Notei que meus alunos estavam com dificuldades para entender o sistema de numeração decimal. Eles

me perguntavam por que o número 2, em um contexto, representava 2, em outro 20 e, em outro, 2000. A dificuldade deles estava na compreensão do valor posicional.

Para ajudar no entendimento, decidi transformar os alunos em numerais. Peguei os alunos do primeiro ao quinto ano e, com a ajuda dos mais velhos, todos participaram de uma atividade de Amarelinha. Como nosso espaço é limitado, fizemos uma Amarelinha onde as casas representavam unidades, dezenas e centenas. Cada aluno precisava pular na casa correspondente e dizer o número correto. Por exemplo, se estivesse na casa da unidade, deveria falar "1", e se pulasse na casa da dezena, "10". Ao serem os próprios números, eles compreenderam que, ao mudar de posição, o valor do número também mudava.

Essa atividade foi muito eficaz. Mesmo as crianças do primeiro ano, que normalmente não trabalhariam com esse conteúdo, conseguiram entender a dinâmica. Brincando na Amarelinha, eles precisavam prestar atenção, estudar em casa e se esforçar para não errar, o que incentivou o aprendizado. Além disso, trabalhei com eles o valor relativo e o valor absoluto dos números, suas classes e ordens. O conteúdo que, em teoria, seria para o quarto ano, foi absorvido por todos, até pelos mais novos, justamente por estarem envolvidos na brincadeira.

Uma das vantagens de trabalhar em uma turma multisseriada é que conteúdos avançados podem ser compartilhados entre diferentes níveis. Ao invés de ficar apenas explicando conceitos na frente da sala, os alunos estavam vivenciando o aprendizado de maneira prática e divertida. Eles tinham que pular e dizer o número certo para não sair da brincadeira. Se, por exemplo, na casa das centenas, um aluno dissesse que o número 1 valia "10", ele teria que sair e voltar ao começo. Isso aumentava o comprometimento com o acerto.

A brincadeira era uma Amarelinha normal, desenhada com giz no chão e, às vezes, no campo. Eles pulavam com as duas pernas abertas ou fechadas, como manda a brincadeira tradicional. Mas, dentro da dinâmica, tinham que prestar atenção em qual casa estavam pulando e no valor correspondente.

Além disso, cada criança tinha um número específico e havia uma rotatividade para que todas pudessem experimentar os diferentes valores numéricos. Uma criança que começava na casa da unidade era o número 1, mas, ao pular para a casa da dezena, precisava dizer "10". Isso ajudou a fixar o conceito de valor posicional de forma lúdica e eficaz. Os alunos maiores também ajudavam os menores, promovendo um ambiente de colaboração.

Depois de trabalhar com a Matemática, aproveitamos a atividade para abordar textos instrucionais na aula de Língua Portuguesa, já que eles precisavam aprender a seguir e dar instruções sobre como jogar a brincadeira. Isso possibilitou um aprendizado mais amplo, envolvendo tanto o raciocínio lógico quanto a linguagem.

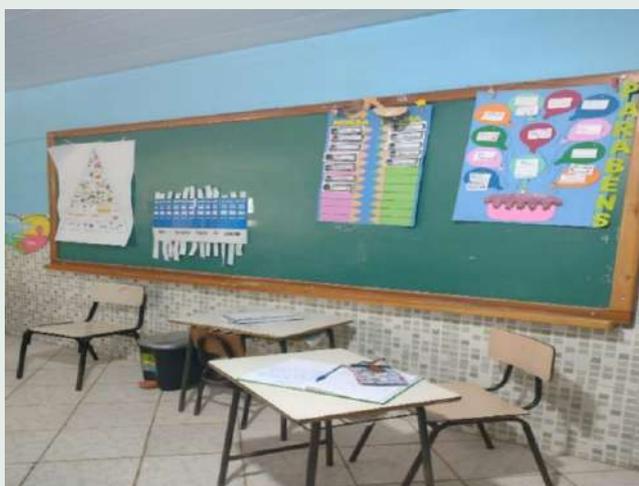
Foi uma experiência muito rica, e os resultados mostraram que, quando os alunos estão envolvidos e aprendendo de forma divertida, o processo de ensino se torna mais eficiente.

5 EMEB “ANTONIO VAZZOLER”

Professoras: Gilmara Giori e Claudia Viale Dias

Turma: 1º ao 5º ano

Organização da sala de aula:



RELATO DE PRÁTICA

CAFÉ, UM PRODUTO TRANSFORMADOR

INTRODUÇÃO

Abordando assuntos na sala de aula relacionados aos tipos de trabalho, as famílias das crianças e o contexto histórico da comunidade, percebi um desencantamento dos alunos com relação ao lugar onde moram e a agricultura, principalmente no que diz respeito ao cultivo do café, que se destacou como a principal riqueza do Brasil por quase um século, sendo um dos pilares da economia brasileira.

Se as crianças não percebem o café como um produto transformador, o que será da comunidade familiar nos próximos anos? Diante dessa reflexão, o projeto tem como objetivo fomentar nas crianças a valorização do cultivo do café e a importância da agricultura para o desenvolvimento da comunidade.

No primeiro momento, foi feita uma entrevista com os pais dos alunos para entender melhor o contexto em que as crianças estão inseridas e a realidade que vivem.

Feito o levantamento dos dados, recebemos a visita do senhor Norival Fávero, um morador que relatou que o amor pela agricultura foi sendo passado pelos seus antepassados e continua passando para sua geração. Para fazer uma conexão ligando a realidade histórica à apresentada, recebemos a visita de Gustavo Fávero (neto do senhor Norival), mostrando que passado e presente estão interligados. Foi possível explorar as experiências e conhecimentos de duas diferentes gerações, garantindo, assim, a continuidade desse legado. Recebemos a visita da instrutora do Senar, que mostrou que o café é um produto saboroso e que está presente na nossa culinária.

Para finalizar nosso Projeto, visitamos o sítio da família Tomazini, que produz café especial e tem se destacado no mercado, principalmente internacional. Após as experiências vividas, as crianças fizeram desenhos relacionados ao concurso, expressando, através da arte, o que aprenderam.

OBJETIVOS

- Reconhecer e valorizar a cultura local, entendendo como o café é parte importante da identidade e cultura brasileira;
- Despertar o interesse pela agricultura, através do processo de cultivo do café, mostrando que produtor rural pode ser uma opção viável e gratificante;
- Incentivar as crianças a pensarem como pequenos empreendedores, discutindo aspectos como planejamento da produção, comercialização e valorização dos produtos.

DESENVOLVIMENTO

A escola EMEB Antônio Vazzoler fica localizada na área rural e a maior parte dos alunos que ali estudam mora nos arredores da escola. Em entrevista realizada com os familiares no dia primeiro de julho, foi possível verificar que grande parte dos alunos possui pais ligados à produção rural, mas, devido a fatores como a queda do preço do café e a desvalorização do produtor rural, a maioria abandonou o cultivo do café e acabou buscando outras formas de trabalho. Tais adversidades geraram nas crianças uma desmotivação e desencantamento por algo tão valioso, que mudou e transformou a vida de tantas famílias no decorrer da história, o café. Refletindo sobre esse problema, um convite foi feito a um morador bem antigo da comunidade, objetivando mostrar para as crianças a possibilidade de sobreviver através da economia cafeeira. O senhor Norival Fávero visitou a escola no dia 04 de julho e contou como foi sua chegada e trajetória na comunidade no decorrer dos anos. Ressaltou como a comunidade e a vida das famílias foi sendo transformada através do plantio e cultivo do café. Lembrou que, devido a sua idade avançada, quem cuida de suas propriedades são os netos, Felipe e Gustavo. Para enfatizar os relatos do senhor Norival, a proposta de atividade foi realizar registros e desenhos que representassem a comunidade de Capivara, segundo o que ouviram.

No dia 08 de julho, recebemos a visita do senhor Gustavo, lavrador e engenheiro civil. Gustavo é neto do senhor Norival e revelou para as crianças que, graças ao café, concluiu sua faculdade e conquistou aquilo que almejava. Ele mencionou que consegue equilibrar suas atividades como engenheiro com o trabalho na lavoura. Explicou que atualmente ele e o primo são os responsáveis pelas propriedades do avô, que foram divididas entre os netos. Ressaltou que na comunidade existem pessoas que são colonos e proprietários e que de ambas as maneiras é possível sustentar a família.

Gustavo, com seu jeito peculiar, foi motivando e encantando as crianças quanto ao trabalho que realiza nas propriedades do avô. Para finalizar esse momento e colocar em prática o que aprenderam, as crianças transformaram em poesia os relatos do Gustavo.

No dia 02 de agosto, recebemos a visita da senhora Kelly, instrutora do Senar, que preparou um delicioso *cappuccino* juntamente com as crianças, mostrando que o café, além de fazer parte do nosso cotidiano, também enriquece nossa culinária. Além de aprenderem a fazer essa bebida deliciosa, as crianças selecionaram algumas receitas e, com o auxílio da professora, elaboraram um caderno de receitas que têm o café como ingrediente principal.

Para finalizar nossas atividades relacionadas ao projeto “Café: um produto transformador”, visitamos o sítio da família Tomazini, situado na comunidade da Bateia. A família é reconhecida na região pela produção de café especial, que é exportado para o Japão, Estados Unidos, Noruega, entre outros países. Durante a visita, fomos recebidos e orientados pela senhora Fernanda, que apresentou às crianças o processo completo do café, desde o cultivo até sua venda.

Fernanda destacou os cuidados com as lavouras de café, fatores que contribuem para o sabor tão marcante e desejado pelos amantes da cafeicultura.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

DATA	ATIVIDADE	OBSERVAÇÃO
	Aula presencial sobre o curso	
	Entrevista realizada com os familiares	Sala de Aula
	Visita do Senhor Norival Fávero	
	Atividade realizada com os alunos sobre a visita	Sala de Aula
	Visita do senhor Gustavo Largura Fávero	Refeitório da escola
	Escrita de poesia com base nos relatos do senhor Gustavo	
	Visita da instrutora Kelly do Senar e realização de <i>Capuccino</i>	
	Confecção de livro de receitas com base de café	Refeitório da escola
	Visita ao sítio Tomazini	
	Registro de atividades sobre a visita	
	Desenho para o concurso	

MOMENTO DA PALESTRA DO SENHOR NORIVAL





No dia 02 de julho de 2024, tivemos a honra de receber o Senhor Norival Fávero em nossa escola, um morador antigo da comunidade. Ele compartilhou com os alunos suas memórias de infância, contando como era a escola onde estudou e como era a comunidade de Capivara quando era criança. Essa atividade não só enriqueceu nosso conhecimento sobre a história local, mas também proporcionou uma reflexão sobre as mudanças ao longo do tempo.

O Senhor Norival começou sua fala descrevendo sua escola na infância. Ele lembrou que, na época, não havia uniforme escolar e as crianças não tinham merenda escolar. O professor, muitas vezes, enfrentava grandes desafios para chegar até a escola, viajando longas distâncias a cavalo ou ficando na casa de algum morador da comunidade.

Ele descreveu a sala de aula como um espaço único, onde todos os alunos estudavam juntos, independentemente da série. Às vezes, havia muitos alunos na sala, e o professor tinha que se esforçar para atender a todos. Os materiais eram bastante simples: um caderno, lápis e borracha eram os itens essenciais. Uma vez ou outra utilizava canetas a tinta, semelhantes às penas que conhecemos hoje. Essa realidade contrasta fortemente com os recursos disponíveis atualmente nas escolas.

As mesas eram organizadas de forma que duas crianças sentavam juntas, com uma mesa agarrada na outra, criando um ambiente bastante diferente do que temos hoje em dia.

Senhor Norival também fez uma comparação com os dias atuais. Ele observou que, embora a tecnologia tenha avançado e as escolas se modernizado, algumas tradições e valores comunitários ainda permanecem. A importância da união e do trabalho em equipe é algo que ele acredita ser fundamental tanto no passado quanto no presente.

ATIVIDADE PRÁTICA COLETIVA COM OS ESTUDANTES

Após o relato inspirador do Senhor Norival, foi feita a proposta de uma atividade coletiva para que cada turma escrevesse sobre a comunidade de Capivara e suas histórias. Essa tarefa teve como objetivos:

- Refletir sobre a história local, através de pesquisa e discussão em grupo sobre as origens da comunidade, promovendo um maior sentimento de pertencimento;
- Desenvolver habilidades de escrita, praticando uma escrita criativa e a organização de ideias coletivamente;
- Despertar o interesse pela história da comunidade, compartilhando informações e aprendendo coletivamente.

CONCLUSÃO

Essa experiência foi extremamente enriquecedora para todos nós. O relato do Senhor Norival não apenas trouxe à tona memórias importantes da comunidade de Capivara, mas também estimulou nossa crianças a valorizarem sua história e cultura local. Esperamos continuar promovendo atividades que conectem nossos alunos com suas raízes e fortaleçam o vínculo entre o passado e o presente.



Visita do Sr. Norival Fávero



Visita do Sr. Gustavo Largura Fabres

RECEITA DE *CAPUCCINO* FEITO PELA INSTRUTORA DO SENAR KELLY

No dia 02 de agosto de 2024, nossa escola teve uma experiência deliciosa e educativa como parte do projeto sobre o café. Para enriquecer ainda mais as aulas, convidamos a instrutora do Senar, Kelly, para nos ensinar a preparar uma delicioso *capuccino*. Essa atividade não só proporcionou aprendizado prático, mas também foi uma oportunidade de degustação que todos adoraram.

A aula começou com a instrutora Kelly compartilhando sobre a história do café e sua importância na cultura brasileira. Ela explicou as diferentes variedades de grãos e as etapas do processo de produção, desde a colheita até a torrefação. As crianças ficaram fascinadas ao aprenderem como o café é cultivado e como ele chega até as nossas xícaras.

Depois dessa introdução teórica, foi hora de colocar as mãos na massa. Kelly nos mostrou todos os ingredientes necessários para fazer o *capuccino* perfeito. Ela explicou cada passo do processo e incentivou os alunos a participarem ativamente.

Mão na Massa

As crianças foram divididas em grupos e cada grupo teve a chance de preparar seu próprio *capuccino*, sob orientação da Kelly. Elas puderam experimentar diferentes proporções de café e leite, além de aprender técnicas para criar uma espuma cremosa. Foi incrível ver o entusiasmo das crianças enquanto mexiam os ingredientes e observavam o resultado final.

Degustação

Após o preparo, chegou o momento mais esperado, a degustação! Cada aluno preparou o seu *capuccino*, e todos puderam provar a bebida. A alegria estava estampada no rosto das crianças enquanto saboreavam a receita que acabaram de aprender.

Conclusão

A prática pedagógica de ensinar as crianças a preparar o *capuccino* utilizando ingredientes em pó foi um sucesso. Este momento não apenas proporcionou uma experiência sensorial rica, mas também promoveu o aprendizado prático e a autonomia dos alunos. Ao manipular os ingredientes - canela, chocolate em pó, leite em pó, bicarbonato e café solúvel -, as crianças puderam explorar diferentes texturas e sabores, desenvolvendo habilidades motoras e a capacidade de seguir instruções.

Além disso, o ato de preparar e degustar o *capuccino* fomentou a socialização entre os alunos, criando um ambiente colaborativo, onde puderam compartilhar suas experiências e opiniões sobre o resultado final. A atividade também estimulou a criatividade, já que cada criança teve a liberdade de ajustar os ingredientes a seu gosto.

Ao final da prática, as reflexões coletivas permitiram que as crianças expressassem suas aprendizagens e sentimentos sobre o processo, consolidando o conhecimento adquirido. Essa experiência não apenas ensinou sobre a preparação de uma bebida deliciosa, mas também reforçou valores como cooperação, paciência e apreciação do trabalho manual.



VISITA AO SÍTIO TOMAZINI



Cultivo do Café



Colheita do café



Separação dos grãos do café (maduros e verdes)



O café é despulpado



O café despulpado é colocado em terrenos suspensos



O café seco é armazenado em sacos



O café é pilado



O café foi torrado, está pronto para ser comercializado



Senhor Vanderley, dono do sítio, responsável pela colheita do café

RELATO DA PROFESSORA



Um dos relatos foi sobre um projeto que envolveu o tema "Café". Para essa atividade, convidamos um morador da comunidade, o Senhor Norival, para compartilhar suas memórias sobre a história da localidade, sua infância e, principalmente, falar sobre o cultivo do café, que era o foco da atividade. Ele nos contou como era a comunidade no início, desde a chegada dos primeiros habitantes, que desbravaram a região, enfrentando muitas mudanças. As crianças ficaram encantadas, pois não imaginavam como foi o processo de formação da comunidade.

Durante o relato, os alunos interagiram bastante, fazendo perguntas e tirando dúvidas, o que despertou ainda mais a curiosidade deles. O ponto que mais chamou a atenção foi a descrição de como era a escola antigamente. Senhor Norival explicou que, naquela época, o ensino era muito diferente. Não havia os recursos que temos hoje, e um único professor era responsável por várias turmas grandes, algumas com até 100 alunos. Mesmo assim, o nível de exigência era muito alto, semelhante ao que chamamos hoje de ensino ginásio.

Ele também contou sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores naquela época, que muitas vezes precisavam se deslocar longas distâncias a cavalo ou ficavam hospedados nas casas dos moradores. A comunidade se mobilizava para ajudar, pois não havia salários fixos para os professores, apenas uma ajuda de custo que eles conseguiam arrecadar coletivamente. A professora se emocionou ao lembrar que sua tia, também professora, passou por essa realidade e que foi por influência dela que seguiu a carreira docente.

Após o relato, na sala de aula, trabalhei com os alunos a reescrita da história da comunidade, discutindo o porquê do nome "Cativara" e como os pioneiros da comunidade se estabeleceram. A escolha do nome foi curiosa, pois, enquanto limpavam o terreno, uma capivara saltou do mato, e esse episódio deu origem ao nome da localidade. Por esse resgate histórico, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e valorizar a história da sua própria comunidade, composta por muitas famílias de origem italiana.

Além desse relato, realizamos outra atividade relacionada ao café, desta vez com a participação do Senar. Convidamos a instrutora Kelly, que ensinou as crianças a fazer *cappuccino*. Ela levou aventais e toucas para todos, e os alunos seguiram passo a passo a receita, utilizando ingredientes como leite em pó, café solúvel, chocolate, canela e bicarbonato. Foi uma atividade muito interativa, em que os alunos puderam participar ativamente, aprender sobre o processo de preparo e degustar o *cappuccino*. O objetivo principal era mostrar a eles a importância do café na cultura e na culinária local, destacando seu valor tanto histórico quanto atual.

Essas atividades, ao conectarem os alunos com a história e as tradições da sua comunidade, foram fundamentais para despertar neles um novo olhar sobre o ambiente em que vivem, resgatando o encantamento por suas origens e valorizando a vida no campo.



*Programa de Pós-Graduação
Profissional em Educação - UFES*

